

convergência

NOV — 1991 — ANO XXVI — Nº 247



• **ESPIRITUALIDADE E DISCERNIMENTO**

Pe. J. Ramón de la Cigöña, SJ — página 555

• **CONSAGRAÇÃO, VOTOS E MISSÃO**

Pe. Germano van der Meer, SVD — página 565

CONVERGÊNCIA

Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Pe. Atico Fassini, MS
Pe. Cleto Caliman, SDB
Ir. Delir Brunelli, CF
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 - 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1991

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea.....	Cr\$ 4.600,00
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea.....	US\$ 48,00
Número avulso.....	Cr\$ 460,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 - Benfica - 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM - Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 - São Cristóvão - 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 - Centro - 25685 Petróbrás, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Claudio Pastro 500 Anos de Evangelização do Brasil, em Vila Kostka, Itaiaci, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón F. de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaiaci': "No século XVI a figura-destaque é a do Pe. José de Anchieta (chega ao Brasil em 1553 e morre em 1597), abraçando, fraternalmente, a dois índios: Tibiriçá e Caiubi, batizados pelos primeiros jesuítas. A Evangelização autêntica acolhe o diverso. Anchieta abraça os dois índios como abraçando todo o Brasil. A glorificação de Anchieta, simbolizada pelo cocar indígena e um aldeamento (fundação de São Paulo), é a causa do índio. Três belos pássaros "guarás" são lembrados, pois a tradição diz que eles, com suas asas, faziam sombra ao grande missionário, quan-

do este caminhava pelas praias sob um sol escaldante. Embaixo aparece a Primeira Missa no Brasil com os franciscanos à sombra da grande cruz. Aliás, a Cruz é outro símbolo fundamental retomado pelo artista diversas vezes. Não esqueçamos que o Brasil é a "Terra de Santa Cruz". Perto aparece a figura do primeiro bispo do Brasil (diocese de Salvador) dom Pero Fernandes Sardinha, o "Xe Abaré Guacú", que, em tupi, quer dizer "eu pai grande", isto é, bispo. O seu mandato foi muito curto. Pedido pelo Pe. Nóbrega ao Rei dom João III de Portugal, logo implicou com os métodos catequéticos dos jesuítas por serem muito adaptados à realidade concreta do índio. Ele achava que a catequese tinha de ser mais "européia". Quando voltava para Portugal sua nave naufragou e chegando à praia os índios o mataram com uma foice francesa e, depois, o devoraram. Na data de 1555 surgem os primeiros mártires do Brasil, dois irmãos jesuítas, Pero Corrêa, grande senhor e antigo escravagista de índios (convertido depois de ouvir um dos sermões do pobre Leonardo Nunes) e João de Souza, cozinheiro, que foram flechados. Acima aparece o martírio do Beato Inácio de Azevedo, segurando seu quadro da Virgem Maria, quando foi afogado no mar com mais 39 companheiros jesuítas em 1570, pelos huguenotes (calvinistas)".

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DP.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	513
VR NA FRONTEIRA: A PASTORAL DA MULHER MARGINALIZADA Irmã Olímpia Gaio, IFAP.....	515
CONFLITOS ECLESIAIS E VIDA RELIGIOSA: UM DISCERNIMENTO A PARTIR DA HISTÓRIA DA IGREJA E DA TRADIÇÃO PROFÉTICA Pe. Nicolau Masi, FX.....	537
ESPIRITUALIDADE E DISCERNIMENTO Pe. J. Ramón de la Cigoña, SJ.....	555
CONSAGRAÇÃO, VOTOS E MISSÃO Pe. Germano van der Meer, SVD.....	565
ÚLTIMA PÁGINA.....	576

EDITORIAL

CLAR RETOMA SEU RÍTMO

1. Todos nós sabemos que a CLAR (Confederação dos Religiosos da América Latina) esteve praticamente paralisada durante os últimos anos. Suas ativas equipes de reflexão e seus grupos de trabalho foram suspensos. Quedou-se apenas a Secretaria funcionando a fogo lento. A Presidência trabalhou muito buscando novas pistas de encaminhamento e preparando, pacientemente, os passos a serem dados no futuro próximo, visando uma plena retomada da CLAR. Para nós no Brasil, esta instituição aparece pouco e não tem grande influência na vida quotidiana do religioso ou religiosa médios. Muitos nem conhecem bem o seu nome. No entanto a CLAR tem vital importância não apenas para o grande número de pequenos países da América Central, do Caribe e do Sul. Também os países grandes, como o nosso ou a Argentina, o México e a Colômbia, muito devemos à CLAR. Ela, há mais de 30 anos, é o grande espaço de encontro da Vida Religiosa do Continente. É ali que se dão os grandes intercâmbios. É ali que também a V.R. brasileira leva suas riquezas e recebe o muito que a V.R. dos países irmãos nos tem a dar. Pode-se dizer que a CLAR tem sido uma escola de latino-ame-

ricanidade para nós, abrindo-nos fronteiras novas, trazendo desafios e apontando caminhos, desafios e alternativas.

Por esta razão temos imensa alegria em noticiar a nossos leitores que a nova Presidência convocou, em fins de agosto, todos os Presidentes de Conferências Nacionais para uma reunião extraordinária (a "Junta Diretiva"), na qual se decidiram as linhas básicas de orientação e os projetos a serem levados adiante ao longo dos próximos três anos. As indicações feitas pela Assembléia Geral do México (em fevereiro de 1991) foram traduzidas em um plano concreto de trabalho. Todos saíram otimistas da reunião, embora sabendo que o caminho à nossa frente é acidentado. Mas caminharemos, seguramente, com mais ritmo, mais ânimo e maior comunhão. Estiveram conosco todo o tempo, fraternalmente, o Delegado do Santo Padre, Dom Hector Lopez Hurtado e o Presidente do Departamento de Vida Consagrada (DEVICON-CELAM), o jesuíta Dom Francisco Arnaiz. Visitou-nos o novo Secretário do CELAM, o brasileiro Dom Raymundo Damasceno. A tensão das reuniões anteriores sucedeu-se um clima distendido de

planejamento e de intercâmbio. Olhamos, novamente para a frente. O documento final diz que são 5 os grandes convites que a Igreja e a História fazem nos próximos anos à Vida Religiosa da A.L.: convite a assumir criativamente a Nova Evangelização; convite a continuar vivendo a opção preferencial pelos pobres e como inspiração fundante de nossa vida e missão; convite a aprofundar e a consolidar nossa espiritualidade; convite a um renovado esforço na inculturação do Evangelho; convite a uma maior comunhão eclesial e convite a evangelizar "para lá das fronteiras".

Este programa sintoniza plenamente com o que a CRB está

se propondo agora que enceta seu caminho rumo à XVI Assembléia, cuja grande linha de orientação está contida no tema "Eclesialidade e Missão".

2. Neste número de Convergência, além do artigo-depoimento da Ir. Olímpia Gaio sobre a Pastoral da Mulher marginalizada buscamos aprofundar alguns temas de nosso interesse já debatidos ou a serem debatidos em nossos seminários nacionais. Um sobre a tensão na Igreja e seu discernimento (do Pe. Nicolau Masi, FX); dois sobre a formação no Juniorado (do Pe. Ramón de la Cigöña, SJ e do Pe. Germano van der Meer).

Pe. Edenio Valle, SVD
Presidente Nacional da CRB

Fé ou Obras?

Bíblia — "O homem se justifica pela fé em Jesus Cristo" (Gl 2,16). "Se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo?" (Tg 2,14). "Quem crê tem a vida eterna. Aquele que recusa crer, não verá a vida" (Jo 3,36).

Leitor — Óbvio: é a fé em Jesus Cristo que salva e não as minhas obras. Ora, se pelas minhas obras obtenho a salvação, então Cristo morreu em vão. Mas se a fé for verdadeira, ela obriga a fazer todas as obras que Jesus fez e até maiores ainda (Jo 14,12). Fé sem obras pode pouco ou NADA pode. Fé abstrata é ateísmo prático. As obras da caridade são o princípio vital, a alma, da fé. A fé age, reage, se revela e se materializa pelas obras da caridade. Sim, é a fé que salva. Mas quem salva a fé que salva é a caridade (Pe. Marcos de Lima, SDB).

VR NA FRONTEIRA: A PASTORAL DA MULHER MARGINALIZADA

*“Não se muda o Povo de Deus
se não se reintegram
em seu corpo os marginalizados”.*

Ir. Olímpia Gaio, IFAP

Introdução

A Evangelii Nuntiandi, de Paulo VI, diz que os religiosos “se encontram, com frequência, na vanguarda da missão” (n. 69).

A presença da Vida Religiosa feminina se percebe com grande dinamismo nas CEBs e nas pastorais consideradas ‘linha de frente’, compreendendo as situações mais difíceis e arriscadas, assumindo o ministério da profecia na defesa da justiça e da vida. “As religiosas estão presentes nas CEBs desde o seu alvorecer, como ‘apóstolas fundadoras’, como missionárias e animadoras incansáveis desse novo jeito de ser Igreja. Estiveram e estão na linha de frente de uma caminhada que já ultrapassa 25 anos. Mas quase nada se escreveu a respeito. A grande maioria dos estudos sobre CEBs ignora a presença da mulher

religiosa ou faz apenas rápidos acentos.” O que Delir Brunelli afirma a respeito das CEBs pode ser aplicado seguramente sobre os Movimentos Populares, Pastorais Sociais, Associações etc. e, neste caso, particularmente à Pastoral da Mulher Marginalizada — PMM.

Em sua grande maioria, são as religiosas as animadoras e agentes principais na luta em defesa e solidariedade com a mulher prostituída.

Neste artigo, trazemos presente esta verdade, considerando a fala das próprias religiosas, bem como das mulheres prostituídas.

Nas CEBs, na Igreja Popular estão surgindo novas expressões religiosas — sinais de abertura — que atraem fortemente as pessoas mais pobres e marginalizadas. As formas tradicionais de Igreja e VR são questionadas por esta nova práxis.

Na PMM constatamos a busca incansável das meretrizes, abrindo espaço de participação para si e seus filhos(as). As religiosas estão atentas, apoiando sempre e compreendendo incondicionalmente sua caminhada.

O tema Mulher Marginalizada, em si, já é complexo, preocupante, conflitivo e se torna muito mais quando tentamos abordar a questão abrindo um debate. Portanto a discussão sobre "prostituição" não é fácil. Qualquer descuido pode levar aos costumeiros lugares comuns. A própria conceituação de prostituição é bastante controversa. Quando há condicionamentos sociais, tão diversos, é possível falar-se em prostituição, ou será mais pertinente pensar-se em prostituições?

Decidimos, considerando a existência do espaço desta reflexão, deter-nos naquelas milhares de mulheres deste País, "obrigadas" a viver da prostituição. A heterogeneidade desta porção determinada da população não possibilita pensar em interpretações, instrumentos de trabalho e soluções uniformes para todas as situações. O trabalho, a educação, a religião, a política, o lazer etc. ganham para o mundo da prostituição significados diferentes que, muitas vezes, contrastam com os padrões da sociedade. Parece que está faltando na humanidade um novo mapa de valores, ou possivelmente, se está na fase, rica e desafiante, da criação de novos referenciais, válidos para toda sociedade, Igreja e Vida Religiosa.

Prostituição e o contexto social brasileiro

A enorme concentração de riquezas nas mãos de uns poucos, o êxodo rural contínuo, a inchação das favelas na periferia dos grandes centros urbanos, o sub-emprego e o desemprego generalizados, a desestruturação das famílias, o abandono de meninos e meninas que, na rua, procuram meios de subsistência, são algumas causas que sintetizam o porquê do aumento generalizado da prostituição.

Aproximadamente uma centena de meretrizes foram ouvidas — no início deste ano — das várias regiões do país. Algumas estavam iniciando sua vida noturna, enquanto outras já estavam há mais de 20 anos. Mais que 90% afirmam que a prostituição está crescendo apesar desta vida "estar cada vez mais difícil". Apontam como causas fundamentais a conjuntura nacional, o aspecto econômico financeiro e a situação familiar: "Não encontrei atenção e amor em casa, meus pais não me entenderam quando fiquei grávida e me enxotaram."

As agentes também foram ouvidas. Unâimes afirmaram que a prostituição cresceu de maneira alarmante, apesar da variação em suas formas, isto é, as zonas confinadas diminuíram, porém, a prostituição de rua, nos bairros, nas pensões, e nos motéis aumentou enormemente. Inclusive cresceu demais a prostituição masculina e o número de travestis.

Causas:

— dificuldades econômicas, pobreza, salário-miséria

— desestruturação e esfacelamento familiar

— meios de comunicação social

— pornografia

— analfabetismo, desinformação sobre o corpo

— uso livre do sexo em todas as camadas sociais

— êxodo rural, desemprego

— machismo — dupla moral.

Para concretizar nossa ação pastoral, torná-la mais eficaz, evangélica e libertadora, perguntamos às prostitutas as razões que as levaram a prostituir-se. “Me enganaram. Fiquei grávida e me chutaram de casa; falta de dinheiro, a fome, o frio, a falta de moradia... pensei que podia ganhar dinheiro mais fácil, porém, está cada vez mais difícil.”

Assim vão colocando as causas concentradas basicamente na questão financeira, no desemprego, desajustes familiares e no casamento: “muito sofrimento com o marido... foi onde passei a ser uma prostituta como ele achou...” “Solidão, falta de carinho dos pais, necessidades, filhos para criar, o desgosto.”

O aumento do lenocínio é outro dado preocupante. Está muito presente em todo país e revela-se nesta fala: “mulheres que estão nesta vida trazem outras para o mundo de sonho e dinheiro que não existem... muitas são vendidas e algumas até trazidas à força, outras são iludidas...”

tem... muitas são vendidas e algumas até trazidas à força, outras são iludidas...”

Vítimas da discriminação e exploração

Inquiridas sobre como sentem a discriminação e exploração da mulher que está na noite dizem: “É muito forte, sinto-me como mercadoria, como objeto, humilhada, desvalorizada, desprezada, há discriminação em todos os lugares... nos bares, mesmo nos lugares públicos, sinto os olhares como se quisessem dizer: ‘o que esta prostituta está fazendo aqui onde só tem meninas de família?’... Porém, estas ‘filhinhas de papai’ são mais prostitutas do que nós... mas nós somos discriminadas porque estamos dentro de uma boate, de um bar, de uma zona... Daquelas ninguém fala porque não estão nestes lugares ‘sujos’, mas freqüentam clubes finos... colégios particulares... muita hipocrisia.”

Algumas se conscientizaram que a libertação inicia com elas mesmas: “A prostituta é que deve se valorizar, porém é difícil porque muitas não estão nesta vida porque querem, sinto muita pena de nós mesmas, estamos erradas e continuamos... sinto muita pena.”

A revolta aparece nitidamente pela percepção de que a sociedade é cúmplice: “Penso que somos todos iguais, mas nós sofremos uma discriminação cretina... é revoltante, é horrível... as pessoas vêem a gente como objeto; somos muito

humilhadas na alta sociedade, mas os verdadeiros prostitutas estão lá, não nos cabarés; as mulheres mais velhas são mais discriminadas ainda... vejo as colegas serem debochadas, escarnecidas... mercadoria de segunda... terceira... a exploração maior é ainda feita pelos donos(as) que ficam ricos e a mulher fica velha, doente e é mandada embora."

Quando os oprimidos começam a compreender sua marginalização, facilmente se identificam com os demais desprotegidos, assumem suas lutas e se unem solidariamente: "Vejo nosso trabalho como um 'emprego' qualquer muito duro... como uma dona-de-casa ou empregada doméstica, que passa a maior parte de sua vida em torno do trabalho, cuidando da família o tempo todo... e não se dão por conta que está tudo errado... assim é a mulher da prostituição."

As religiosas, indagadas sobre as maiores hipocrisias da sociedade e do sistema religioso, mostram sua solidariedade pois "as mulheres estão unidas entre si porque compreendem que algo muito forte e profundo as marginaliza a todas. Há uma identificação profunda, gestada no sofrimento e dor, trazida da discriminação histórica e sociológica de que é vítima todo setor feminino independentemente de 'sorte', isto é, de escolha profissional ou vocacional. Afirmam: "a sociedade cria a prostituta, depois a marginaliza; é hipócrita, principalmente com relação a emprego; no momento

que gostariam de sair, não encontram meios de sobrevivência, são rejeitadas e lhes é negado qualquer serviço; tanto a Igreja como a sociedade nos discrimina, como se não houvesse maiores pecadores e pecados que a prostituição." "A Igreja continua discriminá-la quanto à participação... não lhes é permitido assumir tarefas nas pastorais, nega-lhes os sacramentos, bem como a seus filhos... aceita os prostitutas, os corruptos e não aceita a mulher que se vende para sobreviver. Na sociedade é a mesma coisa. Vive-se de aparências."

A prostituição infelizmente é considerada como um pecado maior que a pior exploração dos pequenos... ainda prevalece a atitude que a prostituta não pode comungar, nem batizar seus filhos. Necessitamos refletir mais sobre certas incoerências... por um lado um discurso atualizado e por outro lado se aproveita da mulher.

O serviço à mulher marginalizada deve estar inserido no conjunto das demais pastorais. No entanto necessita de metodologia adequada, porque questiona nossa ética-moral, costumes, questionando o comportamento, com suas normas e valores, envolvendo todas as instituições. Podemos ser alvo de represálias, porque o caminho é novo. Porém, estamos convencidas de que, rejeitar, *a priori*, novas idéias, novas teorias, ou novas práticas, é sinal de leviandade. Criticar sem conhecer é ignorância. Para defender suas posições, muitas vezes, o homem rejeita as novas idéias e prá-

ticas, pois colocam em jogo sua autoridade e estabilidade. Impede, por todas as formas que elas se desenvolvam. A História, a mestra da vida, comprova-o. Sofrimentos e pressões sempre acompanham as grandes realizações. E quanto maiores forem, tanto mais profundas são suas raízes. Os grupos discriminados — os pobres — encarregam-se de semear e defender as grandes idéias quando lhe são favoráveis. Encarregam-se também, de destruí-las quando as julga inconvenientes. O povo é o juiz das grandes causas que aliás, são grandes somente quando voltadas para o povo.

Os grandes líderes sempre sofreram represálias e opressões devido às tradições e costumes vigentes: parece ser esta a lição da História. Os(as) grandes personagens e as grandes causas, contudo, são necessárias à humanidade.

Perguntamos às religiosas, quais desafios, dificuldades, discriminações, sofreram e da parte de quem, na opção pela mulher marginalizada: “discriminação por parte da comunidade católica que acha um absurdo ‘perdermos’ tempo com esse tipo de gente; nos deixam, muitas vezes, de lado, ignorando nossa presença... zombaria da sociedade, bem como o descrédito e julgamento da Igreja que considera este trabalho inútil. Até a indiferença e falta de apoio das co-irmãs”. Julgamentos: “não sei se são freiras, pois vivem lá na zona com as mulheres... se fossem religiosas não teriam uma comunidade dentro da

zona...” Críticas da parte de agentes: “perda de tempo... ‘tirar pio-lho’ de uma em uma ovelha... esta pastoral não vai mudar em nada a sociedade... trabalho apenas de misericórdia da parte de alguns padres e religiosas”.

Ao longo dos séculos, a Igreja, a sociedade, a própria VR teceram uma imagem sacral e machista da religiosa e lhe conferiram papéis específicos e lugares determinados. Nossa consagração ao Deus dos oprimidos, encarnado na vida concreta do povo escravizado pela pobreza e maltratado pelo sistema, nos interpela e vai forjando um novo jeito de Formação, de Espiritualidade, de Estruturação — de organização. Só nos inserindo corajosamente conseguiremos traçar novos rumos, criando rosto novo de VR. Indubitavelmente vivemos um momento difícil da história. Nos movimentos sociais, a caminhada de libertação se desdobra em muitas tendências, cada uma dizendo que é a mais adequada à nossa realidade. Nesse caso, precisamos de muita lucidez para discernir, e compreender qual o papel da religiosa neste contexto. No entanto, há limites grandes, inseguranças, medos... dificultando o novo. Algumas Congregações se limitam a fazer somente certas opções de trabalho dizendo: esta pastoral atrapalha a formação, não coaduna com o carisma fundacional... Pior ainda quando acrescentam que algumas procuram a inserção para fugir do convívio. Existe forte temor em perder a vocação das for-

mandas, não admitindo que isto possa auxiliar no processo formativo.

De alguma forma, todos estamos perplexos diante da atual conjuntura social, política, econômica e eclesial. Muita coisa mudou e está mudando nestes últimos tempos. Temos dificuldade de entender as mudanças e de nos ajustar às novas situações. Na prática, não se sabe como reagir diante da conjuntura nacional, ou da crise do socialismo ou da onda neo-conservadora na Igreja. Tudo isto afeta profundamente nossa práxis, exigindo constante avaliação e análise da conjuntura, buscando assessoria de especialistas em várias áreas. Estas análises são indispensáveis para discernir os rumos da caminhada. Intuímos entretanto: É HORA DE FICAR, apesar dos desafios, ou quiçá exatamente por causa deles.

Vítima maior — o corpo

“Não sabeis que sois templo de Deus e o Espírito habita em vós”?

A mulher projeta na história, um **CORPO NOVO**. Um corpo que se alarga na gestação. Ela, com seu corpo bonito, sadio, integrado, serve à VIDA.

“Meu corpo é uma espiga que se movimenta ao sopro de novos ventos. Fora do olhar dos outros, eu o recupero e amo.” Margarita Cordeiro, da República Dominicana, continua: “Gosto mais de mim do que antes. Senti meu corpo. Isso é um acontecimento notável! Tenho um corpo que poucos ainda olham,

porque é um corpo de quarenta e um anos, despojado das exigências de uma primeira idade inconsciente... Senti-o esta manhã. E me senti à vontade, indescritível, porque esse corpo que já se cerca ao espaço em que o tempo é realidade irreversível, me estendeu sua mão e se tornou amigo, íntimo, coloquial.”

Acompanhemos a trajetória de Margarita em relação à profunda intuição — o resgate da grande mediação — **NOSSO CORPO**. Lugar privilegiado da manifestação de Deus, recuperando com ele, a dignidade de todas as coisas criadas. “E foi um descobrimento, porque sentir o corpo não acontece tão amiúde. Porém, mais que nada, porque foi um descobrimento sem mediações, uma reconciliação com o que sou e não me espanta, porque me define, talvez pela primeira vez, a partir do prazer de mim mesma e não a partir do que dou ou do que compartilho, sujeito sempre à outra presença, subordinado de alguma forma, porque não me pertence inteiramente.”

Voltadas para esta ‘casa de Deus’ quisemos ouvir das mulheres prostituídas, como vêem e sentem seu corpo e o das companheiras: “a prostituição acaba com o corpo de todas nós... os homens que não prestam abusam do nosso corpo... porque pagam, acham que podem abusar à vontade”. “Perde-se muitas noites de sono, a saúde termina logo...” “Prejuízos, desgastes emocionais, vendido sem sentimentos...”

objeto de uso sexual... e um abuso total..." "O alcoolismo, as drogas, as doenças, a falta de respeito arrasam o nosso ser, a saúde termina e acontece o envelhecimento precoce". "Vejo meu corpo abatido e fraco por ser objeto de prazer em troca de dinheiro, descubro nele marcas de violência... basta olhar-me, sinto pena".

Existe hoje uma tentativa de resgate do corpo, superando as dicotomias, espírito-matéria, corpo-alma, profano-sagrado etc. Houve unanimidade da parte das agentes sobre a exploração do corpo da mulher prostituída: "percebe-se a exploração através da propaganda, da bebida, das drogas, do desgaste emocional, do embrutecimento total e envelhecimento prematuro". "No contexto da prostituição está introjetado fortemente o conceito dicotômico, nem mesmo na religião e teologia isto tem mudado".

A divisão entre corpo-alma e outras... não resulta da inspiração judaico-cristã, mas antes em pressupostos gregos e outros, de cunho dualista.

Para Platão, as almas estão encarceradas nos corpos e devem libertar-se pela contemplação das idéias imutáveis — a Verdade, o Bem, o Amor, a Beleza — que habitam no "reino do UNO".

Para Aristóteles há dois tipos de homens: os sábios que são homens livres, cujo ideal é a contemplação; e os práticos, que levam vida ativa.

Descartes também ensina a libertar-se do corpo, garantindo à substância pensante autonomia sobre a substância externa, as duas presenças do ser humano.

Os jansenistas acentuam que a alma deve ser o mais espiritual possível, só ocupando-se do que lhe é próprio: pensar, refletir, meditar.

Já no fim do século passado, o filósofo Friedrich Engels (1820-1898), um dos principais teóricos do socialismo, havia proposto uma correção para esta distorção fundamental: "principalmente depois dos enormes progressos realizados pela ciência da natureza ao longo deste século (dezenove), temos cada vez mais capacidade para conhecer as seqüências naturais longínquas, pelo menos das nossas ações mais correntes no domínio da produção e, portanto, para aprender a dominá-las. E quanto mais caminarmos nesta via, mais sentiremos e melhor saberemos que nós e a natureza formamos um todo e mais impossível se tornará a idéia absurda e contranatural de uma oposição entre o espírito e a matéria, o homem e a natureza, a alma e o corpo, idéia divulgada na Europa a partir do declínio da antiguidade clássica e que conheceu com o cristianismo o seu desenvolvimento mais elaborado" (ver Engels — 1963).

O mais grave disto tudo é que a exploração do corpo feminino extrapola, gerando graves conseqüências para a história das relações, manifestando-se inclusive na agressão e

destruição da própria natureza-
planeta.

Denota a gravidade da própria ideologia machista que, em nome do progresso, acaba destruindo as relações fraternas-amorosas com as pessoas e com o planeta.

Moema Viezzer intuiu com clareza a gravidade da situação: "A utilização dos segredos da natureza em benefício de alguns homens (grupos humanos e sociedades mercantis), mas com prejuízos para os novos e para a espécie, tem constituído agressões tão imensas ao nosso *habitat*, a Terra Mãe, que atingindo o seu equilíbrio biológico e os seus ritmos, ameaça a todos com o espectro de uma catástrofe geral. A ideologia masculinizante continua — patriarcal e belicista, com ganas de matar, apesar das duas guerras mundiais — realizando o processo de degradação científica da natureza e das condições de vida. Em nome do Progresso, como se fez desde o começo".

Finalmente, necessitamos de uma reconciliação global. Mente, corpo, espírito, matéria. Assim superamos as ideologias machistas, os sistemas divisores, as discriminações entre raças, e chegaremos à aproximação maior do nosso próprio ser (*ego*), das pessoas, da natureza e entre as nações e povos. "Novo céu, nova terra", paz, harmonia, "um só rebanho e um mesmo pastor".

Utopia? Ai de nós se não mantermos a esperança.

Rubem Alves em seu livro "Creio na ressurreição do corpo" intuiu belamente a dignidade do corpo: "Os cristãos incluíram uma declaração estranha no seu Credo. Diziam que criam e desejavam a ressurreição do corpo. Como se o corpo fosse a única coisa que importasse... Mas, haverá coisa que importe mais? Haverá coisa mais bela? Ele é como um jardim onde crescem flores e frutos... Cresce o riso, a generosidade, a compaixão, o desejo de lutar, a esperança: a vontade de plantar jardins, de gerar filhos, de dar as mãos e passear, de conhecer..."

Cuidar de si é uma grande virtude. Quem não sabe cuidar de si, como cuidará de outrem? É preciso lembrar que o corpo humano não é uma máquina, nem um animal, nem uma planta: é dom sagrado e, como tal, deve ser tratado. Cada um deve desenvolver a capacidade de cuidar-se — treinada e educada como ciência da vida — como meio de obter a perfeição, atitude que nos fará encontrar Deus onde o corpo está e não onde ele termina. Neste corpo, tão pequeno, tão frágil, vive um universo inteiro e ele nos lembra a doutrina da encarnação — que Deus, eternamente quis ter um corpo como o nosso.

Sub-vida. Sofrimentos Desilusões. Aspirações. Sonhos

"Detesto esta vida... ser desprezada por muitos, explorada por outros... misturando tudo com drogas, brigas, alcoolismo".

A grande preocupação da maioria é encontrar-se longe da família e dos filhos, vivendo na solidão, sem amigos: "O desprezo pela sociedade, o desinteresse por todos, até parentes ou principalmente os parentes fazem a gente sofrer demais... para completar vem a decepção de ser chamada prostituta, sem as pessoas conhecerem os motivos... ser obrigada a ser prostituta".

As decepções são muitas. Também no setor financeiro as desilusões se fazem sentir. Algumas repetem: "Pensei que aqui melhoraria minha situação econômica, mas está cada vez pior... eu pensei que era uma vida fácil..."

Algumas, em busca de liberdade maior acabam se frustrando: "Aqui se apanha muito. Há violência. Não se tem liberdade prá nada... é duro lidar com pessoa grossa... dormir bêbada, estar nesta vida louca, de humilhação... suportar a insensibilidade dos homens".

A violência e os maus tratos vem completar a dureza desta sub-vida. "Aqui a gente encontra muitos homens atrevidos e covardes, pensam que podem bater na gente, difamar... causar danos." "O maior sofrimento e desilusão foi ter entrado nesta vida de prostituição e hoje não está sendo fácil para sair... só violência, exploração do corpo... O conhecimento desta vida 'por dentro' não é fácil, a gente tem que ser forte... as desilusões, a isolamento por familiares e pela sociedade aumentam a solidão, porque muitas vezes a gente conhece pessoas mara-

vilhosas, mas, pelo fato de estar nesta vida estas pessoas se afastam... aí vem a solidão porque você pensa que está bem, mas depois se sente sozinha. As pessoas fogem e não se encontra apoio em ninguém... há falta de respeito por parte das pessoas, elas acham que são melhores que a gente e nos desprezam".

As religiosas também se preocupam com esta realidade. Sentem o sofrimento provocado em várias direções e dimensões, abrangendo a situação pessoal, familiar, eclesial e social. "Exploração do corpo, uso do sexo sem amor, violência, bebida, drogas, separação dos filhos... os maiores sofrimentos se constituem na segregação social da prostituta, a separação dos filhos, a falta de segurança, a discriminação generalizada pela sociedade, os maus tratos, os desprezos e rejeição da própria família... medo da doença..." Acrescidos a estes vem: violência policial, exploração pelos donos dos bares, boites e motéis — ser considerada objeto.

Quanto ao futuro há preocupação de chegar na velhice e não ter nada... nem as coisas básicas. Isto gera insegurança, medo da solidão do abandono. As desilusões estão ligadas basicamente às mesmas situações: "Falta de liberdade e identidade, não poder confiar em ninguém, não vê mais sentido na vida, muito machismo, (até na Igreja), a prostituição ligada ao problema de drogas, ou considerada como crime. Sofrimento enorme é também perceber quase que a impossibilidade de

mudar de vida (reverter a situação). Perguntam-se: 'quem confiará em mim? quem me ajudará? Onde encontrar trabalho?'

Na questão religiosa surge o sentimento de culpa: "Se vendo o meu corpo sem amor é pecado, portanto, Deus não me ama".

Apesar do cotidiano apresentar-se cruel e desolador para as meretrizes, alimentam esperanças e sonhos. Quase todas almejam "sair desta vida", "casar-se", "ter um lar" e "ser feliz": "Quero sair da prostituição, estar com minha família, meus filhos". "Meu maior sonho é vencer a barreira da prostituição, arrumar um emprego, ter um lar, viver a vida como ela deve ser vivida e não destruir o meu próprio direito de ser feliz". "Estar junto com minhas filhas, não deixá-las sozinhas para não passarem fome, trabalhar, ter uma vida normal, poder educar meus filhos diferente... sem tanto sofrimento, enfim, viver livre e abundantemente".

As religiosas percebem as mesmas aspirações nas mulheres prostituídas: "sair desta vida, casar, ser feliz, estar com os filhos, construir um lar, ter uma casa" e também "conseguir autonomia financeira, isto é, ter um meio de sobrevivência menos pesado". "Ser aceita como pessoa humana e ver seus filhos(as) numa vida melhor".

Sabem muito, falam pouco

A ida para o mundo popular precisa uma inculturação. A cultura po-

pular não separa a teoria da prática. E se alguém do povo diz que sabe fazer algo é porque já experimentou fazer. O povo não fala em conceitos, ele conta 'causos'. Jesus entendia de povo, por isso ele passa a mensagem através de parábolas.

O povo sabe que sabe, mas ele não diz que sabe porque conhece nossa preferência... pensamos que só nós sabemos. É preciso que o oprimido fale primeiro, pois precisamos conhecer a sua prática. E nosso trabalho é sistematizar aquela prática.

Há duas maneiras de conhecer a vida do povo: 1. Criar laços efetivos e afetivos, especialmente com os líderes. Perder tempo com eles. 2. Fazer com que as pessoas falem. Um dos maiores desafios das classes oprimidas é livrar-se do silêncio imposto. Além de haverem internalizado uma grande inferioridade, sofrem o medo de falar. Elas sabem que sabem muito, porém, sentem-se humilhadas e amedrontadas em revelar a verdade aprendida no sub-mundo da falsidade, das incoerências dos que mantêm as aparências durante o dia, são elogiados e reverenciados pelo seu 'saber', seu status, posição social, vantagens econômicas etc. Porém, na virada da noite se revelam os mais carentes, brutos, endurecidos, desumanos. As meretrizes intuem claramente os perigos e riscos que podem advir se revelarem o que vêem e ouvem.

Perguntamos: Como você entende a expressão — as prostitutas sabem muito, porém, falam pouco? — Di-

zem: "Não temos coragem de falar... sentimos medo... porque enquanto se guarda segredo não se encontra problemas". "Somos bastante vividas, sabemos muito, temos o conhecimento que a vida nos dá, mas o que sabemos fica somente pra gente".

Por outro lado, cientes que só o saber livresco é reconhecido, dizem: "ninguém dá crédito ao que falamos... no caso de violência, embora sendo nós as vítimas, dão um jeito de parecermos culpadas... os da sociedade são "anjos" e nós os demô... é melhor calar-se do que apanhar... se falássemos tudo o sabemos seríamos mortas... a gente corre muito risco... há muita marginalização..." "Pelo desprezo que temos perante a sociedade, ficamos com vergonha de nos comunicar e mesmo pelo pouco estudo ou por falta de freqüentar lugares de ensino, de comunicação... além do mais temos pouca oportunidade de falar."

Diante de tantos preconceitos mesmo tendo a verdade, temem não serem ouvidas: "as prostitutas são machucadas, feridas... elas sabem sobre os homens que espancam mulheres, sobre assassinatos, mas ficam quietas porque ninguém acredita nelas... porque ninguém sabe como elas... então preferem calar".

Conhecendo o pouco espaço de serem ouvidas, propositalmente deixamos muitos depoimentos sem comentários. Aprendamos ouvir e valorizar o que elas têm a dizer: "Não falamos muito por medo de nos com-

plicar, de nos prejudicarem, ou até morrer por meia palavra... a prostituta sabe muito, conhece muita coisa, pois já sofreu demais, mas tem medo de reivindicar seus direitos, teme represálias por parte da polícia, enfim da sociedade... porém sabem sobre violências que acontecem, vêem mortes, mas ficam quietas porque ninguém escuta... simplesmente têm medo de falar tudo o que sabem, o que sentem, por isso, sabem muito e falam pouco". "A mulher da noite, aprende muita coisa que as mulheres da sociedade "dizem saber", mas quando falam de suas experiências não dão crédito, estão desacreditadas; mas duvido que elas em nossos lugares seriam capazes de suportar. Aí está um dos fatos de a mulher da noite não se manifestar. Mas aprendem com o sofrimento e acreditam que a maioria vença mais tarde". "Este meio de vida que nós levamos é uma caixa de surpresas. Às vezes a gente vê e ouve muita coisa mas a gente não pode falar. Geralmente o homem vem desabafar suas mágoas e são poucos aqueles que procuram saber sobre nós... na maioria das vezes só falam de si, acham que com isso eles conseguem superar um pouco seus problemas. Somos pessoas sempre visadas por sermos prostitutas: uma vida de tudo e de todos".

Infelizmente, muitas acreditam que "não sabem falar". Outras encaram como 'ética profissional', falam pouco porque respeitam os sentimentos dos outros, sabem guardar segredo, é 'segredo de profissão'".

As religiosas confirmam as situações apresentadas: "as prostitutas falam pouco porque não são ouvidas, são desacreditadas, não têm voz ativa, mas conhecem muito da podridão da sociedade, falam pouco por medo de represálias". "Acham que devem calar, que não são dignas de falar, ou que deve sofrer pelo pecado que fizeram... Particularmente acho que as prostitutas aprendem muito na escola da vida". "Elas sabem, mas como este é o seu ganha-pão não se expõem com medo de serem condenadas outra vez". "A sabedoria das mulheres é muito ligada à vida humana. Se falam pouco é porque ainda pensam que não têm valor... são discriminadas e o que falam vale pouco. Muitas vezes o próprio silêncio é uma denúncia contra a discriminação. Elas têm uma grande experiência de vida. É o sofrimento que as amadurece, faz criar resistência e adquirir algumas 'malícias' para enfrentar os desafios. Não falam porque têm medo... são desconfiadas... no entanto sabem muito das coisas do submundo, da violência, tráfico e da vida particular de muito gente importante. Falam pouco por medo de se comprometerem, perderem a confiança e temem serem mortas".

Compreendemos que o setor feminino foi e é em grande parte ainda silenciado. E quando tantos já tentaram falar por nós e sobre nós, não causa mais impacto... Por que? Quando um silenciado se pronuncia, mesmo timidamente, causa reação maior que tantas prédicas. Dar atenção a esta fala abafada, tímida, in-

segura, tênue — muito diferente da proclamada até então — traz à luz a verdade com maior nitidez. Aquela contém o rigorismo científico, a preocupação com a verdade intelectual. Esta trás as marcas do humano, do pé-no-chão, desnuda, marcada pela dor, pela esperança, ternura, carinho, afeto. As duas contêm verdades, porém, esta além da razão lógica, é mesclada pela razão ternura, suspiros daquelas cuja vida é pisada, amassada, esquecida, trocada pela lógica do lucro, da exploração. Sabemos que não é só na razão que está a razão, porque, segundo Ferreira Gullar: "... E a história não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, desta vida obscura e injustiçada porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz..."

A vida está acima das normas, cânones e direitos todos. No Reino de Deus, mais amplo que a Igreja, cabem todos os que buscam servir à Vida, amar os simples e espoliados, independentemente do credo que professam ou Igreja que frequentam. Lembro do diálogo de Frei Guilherme com seu noviço Adso, em "O nome da Rosa": "Os leprosos excluídos... se tornarão

fão mais feios quanto mais tu os exclúires e quanto mais tu os representares para ti como uma corte de lêmures que querem a tua ruína, tanto mais eles serão excluídos. São Francisco entendeu isso, e sua primeira escolha foi ir viver com os leprosos. Não se muda o Povo de Deus se não se reintegram em seu corpo os marginalizados". (P. 235, 28ª Edição).

Buscando força nas atitudes de Jesus

O Reino de Deus ultrapassa limites, esquemas e ideologias. O Espírito do Senhor sopra onde quer. Alimenta sobretudo aqueles(as) cuja vida é roubada, diminuída. São eles(as) os prediletos(as) do Senhor. O envolvimento das mulheres nas comunidades e nos movimentos — onde sempre são maioria — favorece uma reflexão menos teórica, mais vivencial, mais ligada ao chão duro das lutas do povo. A Bíblia para elas não é um livro a ser apenas lido e discutido, mas é palavra de vida. Muitas intuem que Deus as ama. Fazem promessas e novenas. Outras põem na cabeceira de sua cama a Bíblia ou o Novo Testamento. É como se compreendessem que o Senhor no meio do seu sofrimento, vai ao seu encontro e diz como disse a Elias, no deserto: "Levanta-te e come".

Muitas carregam consigo a imagem de um santo ou da Virgem Maria. Acendem velas e dizem rezar sempre.

Indagadas sobre quais as passagens da vida de Jesus lhe trazem esperança e conforto, a maioria se refere àquelas em que Jesus *perdoou as mulheres, atendeu e curou os pobres e deu perdão aos pecadores*: "Jesus sempre tratou bem todas as mulheres, perdoa e protege. Ele não nos julga porque estamos nesta vida". São lembradas especialmente Maria Madalena, a Samaritana, a mulher adúltera. O fato de Jesus não condenar a prostituta, entendê-la e defendê-la, as comove muito: "Jesus sempre deu paz às pessoas que sofriam e dá paz para a gente hoje. Ele nos ama e perdoa como fez com aquela mulher que todos queriam atirar pedras. Pensar nisto dá muito ânimo".

O sofrimento, a morte de Jesus na cruz e a sua ressurreição, são momentos especiais, celebrados e guardados por elas: "Na sexta-feira maior a gente não deve trabalhar, precisa lembrar o sofrimento de Jesus, arrepender-se e pedir sua compaixão".

As religiosas, junto com as mulheres prostituídas, olhando para Jesus e analisando o seu relacionamento com as pobres do seu tempo, encontram motivação para vencer os preconceitos que limitam ou impedem o acesso da mulher nos vários ministérios, inclusive os ordenados. Foi-lhes perguntado quais as passagens do Evangelho (ou do AT) são fontes inspiradoras na caminhada de opção pela mulher marginalizada, lembraram: a pecadora perdoada (Lc 7,36-50) mulher adúltera (Jo 8,1-11); Madalena (Lc 8,2); a sa-

maritana (Jo 4,1-42); a mulher encurvada (Lc 13,10-17); as mulheres no calvário (Mc 15,21-41); as mulheres no sepulcro (Mc 6,1-17); a cananéia e as duas irmãs Marta e Maria. Trazem presente inclusive personagens do Antigo Testamento: Agar, Raab, Rute, Judite, Ester, Débora, Ana, a Mãe dos Macabeus. Citam passagens da vida do Mestre acolhendo as meretrizes e os sofrendores: "Ao ver a multidão teve compaixão dela porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor". Em Mateus (21-31-32), Jesus diz: "Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas estão vos precedendo no Reino de Deus. Pois, João veio a vós num caminho de justiça e não crestes nele. Os publicanos e as prostitutas creram nele. Vós porém, vendo isto, nem sequer reconsiderastes para crer nele".

Apesar de alguns textos bíblicos do AT discriminarem a mulher, mesmo naquele tempo muitas se destacaram na luta em defesa da vida: as parteiras (Ex 1,15-21); as mães (Ex 2,1-10); Rute, na conquista dos direitos pela terra; Ester, arriscando a vida para defender seu povo.

Algumas religiosas lembraram os Cânticos: de Maria (Lc 1,46-56) de Ana (1 Sam 2,1-10); de Débora (Jz 5,1-31); de Miriam (Ex 15, 20-21).

Vida religiosa solidária com "as que nos precedem no reino"

"Admiramos nas Irmãs, especialmente sua atenção, o respeito, o carinho, a bondade, a compreensão, a

lealdade, a abnegação, a simpatia, a dedicação, a delicadeza, o calor humano e sua capacidade de amor ao próximo". E continuam: "gostamos das Irmãs porque elas não têm vergonha de sair conosco em qualquer lugar, sempre nos mostram carinho e compreensão; a atenção delas é muito importante para nós; elas tentam nos entender o tempo todo, isto é ótimo".

Outro elemento afetivo forte é a credibilidade e confiança que depositam nas agentes, especialmente na superação dos preconceitos: "Elas nos fazem ver que nós valem muito mais do que os outros pensam e percebemos que ainda encontramos gente que não chuta as prostitutas prá longe... elas se sentem à vontade conosco... esquecem que somos mulheres mal faladas; conversam conosco e nos ouvem como gente". "Freira é uma pessoa prestativa para nós... apesar da vida que levamos é muito atenciosa, é presença no meio da gente, presença de amor, de paciência; a companhia delas é valiosa porque a mulher da zona é muito só".

Privilegiam e reconhecem o elemento afetivo, sem contudo descuidar o nível pastoral político: "As Irmãs ajudam na conscientização, nos despertam para pensar no futuro; incentivam para que cresça nossa organização; admiramos sua coragem de lutar pelos direitos das mulheres".

Apesar dos avanços da Igreja Popular estampada nas CEBs, a igreja hierárquica e a sociedade civil, em

geral tem dificuldades em compreender e assumir a mulher marginalizada. Mesmo decorridos 25 anos de existência desta pastoral — assumida pela CNBB —, recebemos duras críticas e avaliações descabidas. É evidente que a caminhada com a mulher marginalizada não pode e nem deve seguir os passos das demais pastorais. Esta sofre pressões advindas dos nossos preconceitos, a dupla moral, nossas hipocrisias e nossos métodos tradicionais de engajamento. Requer revisão constante e metodologia própria, assim como o movimento negro, a pastoral indigenista, o movimento com os sofrendores de rua, os homossexuais, os travestis, o atendimento às pessoas com Aids etc. Exige um redimensionamento global da pastoral urbana.

Perguntamos às mulheres, 'como deveria ser a ajuda das freiras'. Solicitam presença no nível afetivo — como vimos anteriormente: visitas, atenção, carinho, compreensão, sem no entanto descuidar o aspecto pastoral-político: "nos ajudem sair desta vida".

Entendem que não são as agentes sozinhas que farão a mudança. É imprescindível o assumir conjunto, bem como a contribuição delas: "Para mim a ajuda está sendo boa, porém, muitas vezes são as prostitutas que não colaboram". "Deveria haver uma ajuda para a gente sair desta vida, dar condições para um trabalho e que a gente se conscientize que não podemos ser escravas dos homens ou da sociedade com

seus esquemas". "A presença das Irmãs deveria ser mais intensa, nos conhecer melhor, conhecer melhor nossa vida; as visitas ajudam muito porque dão uma sensação boa, a gente se sente bem conversando com elas, trazem conforto, crescemos na amizade e confiança".

As agentes se perguntaram o que deveria fazer a VR e a Igreja na opção pelo pobre, especialmente a mulher-pobre-marginalizada pela prostituição. Incluem a direção político-pastoral e o elemento afetivo. Evidentemente o amor, a compreensão, o carinho são fundamentais quando os(as) destinatários(as) da mensagem evangélica são aqueles e aquelas usurpados nos direitos fundamentais, tanto civis como religiosos, afetivos ou emocionais: "Dar mais vez e voz para elas; valorizar, promover e conscientizar as meretrizes sobre seus direitos enquanto cidadãs". "A Igreja deveria incentivar e preparar mais agentes para esta pastoral e as demais consideradas de fronteira; CPT, CPO, Indigenista; despertar a comunidade para que outras pessoas se integrassem e assumissem". "Lançar-se com coragem, abrir-se e buscar novas formas para integrar as mulheres prostituídas na Igreja e sociedade, tratando-as como Jesus fez, valorizando-as, chamando-as ao convívio da Igreja, ou melhor, ir até onde estão adequando a mensagem à sua realidade". "As marginalizadas deveriam ser objeto de nossa melhor dedicação pastoral. Ainda se faz muito pouco. Acreditamos que os últimos

dos últimos nos ensinarão reler a mensagem do evangelho”.

Esta pastoral exige atualização e renovação constantes, acrescida de profunda humildade, despojamento e audácia, exigindo da VR sua presença na fronteira e área de maior risco, recuperando a dimensão profética; aprender ‘obedecer-desobedecendo’, isto é, acentuar mais a dimensão de fidelidade às atitudes de Jesus, do que sujeição às normas e leis. Estas religiosas se sentem corresponsáveis com a caminhada da Igreja na opção evangélica pelos(as) empobrecidos(as): “Despojar-se, atualizar-se permanentemente, reduzir preconceitos, enfim, a formação permanente é imprescindível, e uma compreensão sem limites, pois o sofrimento marca, de maneira impiedosa a vida destas mulheres. Tanto a Igreja como a VR deverão ser extremamente sensíveis a tanta dor...” “Creio que a religiosa, mais que qualquer outra mulher, tem o dever de procurar ajudar as prostitutas e orientar o povo sobre a exploração da mulher. A CF “Mulher e homem imagem de Deus” devia ter sido o momento propício para abrir a mente das pessoas que discriminam as “mulheres da vida”. “Todo setor feminino deveria ser mais sensível em relação à situação da mulher; lutar para mudar este sistema machista que só contribui para a proliferação da marginalidade; ficar atenta para ouvir o clamor destas sofredoras, sentir e aprender com elas a grande capacidade de amar e resistir. Estar mais

junto ao oprimido, arriscando tudo, sem medo de “contaminação”.

Voltamos a insistir com as agentes, solicitando que colocassem suas sugestões para a VR e Igreja. Julgamos importante, em momentos difíceis como os atuais vividos no Brasil e América Latina, exercer o profetismo na sua globalidade, tanto no aspecto da denúncia como do anúncio. Compreendemos que os empobrecidos hoje são o sujeito bem como os portadores da Boa Nova, além de destinatários. Buscar alternativas, unir-se, assumir as pastorais de fronteira para explicitar mais vivamente a mensagem e doutrina de Jesus. “Oxalá mais pessoas se disponham a trabalhar e se alguém se sentir chamado para isto, seja liberado(a), porém, se torne um compromisso assumido pelos(as) demais; isto ajudaria renovar toda Província”. “Quanto à Igreja, diminua o machismo e dê à mulher o lugar que lhe é devido pelo próprio batismo; que a sociedade discrimine menos a mulher, fazendo-a pecadora, enquanto os homens não se sentem prostitutas, corruptos, falsos... enfim, que todos nos sintamos responsáveis e cúmplices pela situação e também convidados(as) a fazer algo no seu campo de trabalho em favor da VIDA, reduzindo preconceitos e converter-se”. “Pediria à Igreja e à VR que assumíssemos com sinceridade as nossas prostituições, tenhamos coragem de encará-las sem medo de escutar: ‘as prostitutas e os pecadores vos precedem’... que a sociedade reconheça que as prostitutas são consequên-

cia de sua exploração, perceba que todos contribuimos com nossas escolhas, comodismo, para que exista a prostituição; é hora de encarar a verdade sem dissimulação, afirmando que 'ela está nesta vida porque quer'. Esta maneira de pensar descarta nosso compromisso, assim como a parcela de culpa que temos". "Quanto mais se tem fé, mais se alimenta da Palavra de Deus, da Eucaristia e se mergulha no mundo dos pobres; esta deve ser nossa constante. Não podemos 'servir a dois senhores'".

Das meretrizes quisemos saber que benefícios a presença das Irmãs lhes trouxe: "Mais esperança, amizade, conforto, união entre nós, compreensão". Assim se expressaram: "Surgiram esperanças, pois ficamos mais animadas, porque as freiras são gente que nos compreende e nós percebemos que não estamos sozinhas nesta vida cheia de espinhos e armadilhas que é uma boíte; além do mais trouxeram compreensão e ajuda espiritual... consegui ir à missa depois de 30 anos... alguém compreende que também somos filhas de Deus". "É bom sentir que a gente ainda pode ter esperança em alguém; dá mais vontade de viver, mesmo sendo prostituta, porque elas nos ajudam quando estamos oprimidas e tristes, trazem conforto, ajudam para irmos à Igreja, nos reunirmos para conversar sobre nossas vidas, unir mais as prostitutas para lutarmos todas juntas". "Para mim com a chegada das Irmãs veio a paz, me senti bem melhor desde que elas começaram as

reuniões, as visitas, as novenas, as mensagens; suas visitas são ótimas porque a gente pode conversar, contar nossos problemas, receber orientação, enfim, temos uma amizade diferente, um diálogo aberto. Conseguimos alívio para o espírito e a alma; posso confiar nelas, conversar, ser eu mesma".

Junto com o crescimento pessoal, valorizam o crescimento da sua organização: "Temos mais incentivo para colaborarmos conosco mesmas, crescermos na união e organização: conseguimos acesso ao hospital, a remédios para gurias desamparadas e grávidas... mesmo o direito aos exames periódicos sobre as DST e Aids; temos também acesso a cursos de sacramentos e batizado para nossas crianças". "Suas visitas são ótimas e deveriam ser bem frequentes, porque elas não deixam a gente desanimar, nos dão força para lutar por nossos direitos".

O que faz e/ou deveria fazer a Igreja

Com sinceridade e abertura, as mulheres se dão conta da importância do apoio da Igreja. Reconhecem entretanto, a necessidade de ter iniciado antes esta presença efetiva: "Deveria ter dado esta ajuda antes, porque agora, mesmo com o apoio não está fácil... nunca devia ter negado o batismo a nossos filhos... atender sem amaldiçoar". "Gostaríamos que a Igreja ajudasse a comunidade, o povo, para que não olhe o que somos, mas o que sentimos". "A presença da Igreja é im-

portante e nós precisamos dos seus ensinamentos, apesar de que, até agora ela fez pouca coisa, mas já é o começo; acho que tenta melhorar para o futuro". "A Igreja está fazendo bastante agora, mas poderia ter feito muito mais antes, se não houvesse a discriminação por parte dos (as) religiosos(as) que agora se conscientizaram que o problema da prostituição é bem maior e mais complexo do que se imagina".

Porém, um grande número diz taxativamente: "A Igreja não fez absolutamente nada" e acrescentam: "sempre houve muito desprezo pela prostituta e grande discriminação no passado".

A ajuda que solicitam é esta: "Perdoar, auxiliar, se juntar à sociedade para dar mais segurança, ter mais carinho, menos agressão, continuar a pastoral com as prostitutas".

Algumas visualizam os resultados: "O trabalho da Igreja fez diminuir a discriminação social; hoje há reconhecimento por parte de padres e religiosas; conseguiu unir mais as prostitutas".

Finalmente concluem acertadamente: "Devemos nos unir, lutar juntos, para vencer as barreiras e dar-nos segurança".

As religiosas percebem assim o compromisso da Igreja: "A organização da Pastoral Social, o acolhimento da CNBB, os encontros nacionais, tem despertado e motivado mais pessoas assumirem este compromisso". Outra afirma: "A mulher está sendo mais aceita, cresceu

sua participação nos ministérios; na sociedade encontramos também alguns avanços (participação em cargos públicos) e aceitação maior deste trabalho". "A mulher já fala de si mesma e dos seus problemas; na sociedade existe maior abertura para se ventilar qualquer assunto". "Percebemos uma pequena luz no final do túnel; mulheres 'da vida' mais respeitadas, convidadas a fazer palestras sobre o assunto... algumas desenvolvem tarefas na Igreja e sociedade... há surgimento de movimentos e pastorais em defesa da mulher oprimida, criação de Delegacias da Mulher, atuação em partidos políticos, são alguns avanços". "Sinto a Igreja mais sensível à situação da mulher; a PMM é contemplada pela CNBB; as prostitutas estão se impondo e formando comunidade; na nossa paróquia, conseguiram que a Procissão de Ramos passasse pela zona de meretrício; elas têm participado dos diversos grupos e cursos na comunidade; têm ajudado preparar a sopa do Povo da Rua e muitas vezes ficam nas reuniões deles — os Sofredores de Rua.

Apesar de vários Bispos assumirem esta pastoral, permanece um grande desafio. Precisamos, no mínimo, do seu apoio para iniciar esta pastoral em sua diocese; temos a impressão que alguns pensam que estamos envolvidos em pastorais até demais e não querem mais uma... No entanto, esta abraça os últimos dos últimos, que paradoxalmente se tornam os primeiros..."

A questão básica aqui não é só demonstrar interesse ou não, mas implica na formação. Para desafios novos “livros novos”, “manuais novos”, “metodologia renovada”, enfim, toda uma educação adequada. Cabe um questionamento a toda Igreja e VR sobre a formação. É urgente uma revisão nos Seminários e Noviciados. Para qual modelo de Igreja, de VR e de sociedade é orientada a formação das futuras religiosas, dos futuros religiosos e padres? Temos bem presente a questão da vocação como serviço e serviço aos empobrecidos? Temos o cuidado de — ensinar e aprender — a não monopolizar os ministérios, mas que sejam assumidos por toda a comunidade como serviço, de acordo com os dons e carismas? O aspecto do poder ainda é tão acentuado na prática do ministério sacerdotal! É a VR feminina? Está se conscientizando da necessidade de se desclericalizar. Esta tarefa é importante para a identidade da VR e também como contribuição ao processo de desclericalização da própria Igreja.

Transformações ocorridas a partir da opção pela mulher marginalizada

“As prostitutas me ensinaram valorizar a VR”.

Ao falar sobre o engajamento nas lutas de libertação do povo e particularmente da mulher pobre, as religiosas expressaram as motivações que as conduziram até assumir esse compromisso: fidelidade ao Espírito

que clama na realidade do povo; fidelidade ao Evangelho e fidelidade à vocação profética da mulher consagrada, bem como, ao carisma da Congregação. Situam esta opção dentro da caminhada da Igreja, especialmente nas CEBs: “A opção pelo pobre dá-se mais dentro das CEBs e não se faz especificamente pela mulher prostituída; não são muitas as Irmãs que se dedicam a esta pastoral, porém fazem um trabalho com os empobrecidos de modo geral”.

Se referem às mudanças no nível pessoal, comunitário, Provincial e Congregacional: “a partir da realidade das prostitutas me dei conta do valor e sentido da doação sem preconceitos; sinto-me transformada porque as vejo diferente e percebo o quanto elas sofrem nesta vida”. “A Congregação se abriu mais; a prostituta e a mãe solteira são mais acolhidas; a Província se tornou mais simples e outras Irmãs despertaram para trabalhar inseridas nos meios populares”. “Minha transformação foi no sentido de ter menos preconceitos; separei a pecadora do pecado; consegui vê-las como pessoas”.

As religiosas acenam para a realidade do conflito quando se abraça causas mais comprometedoras, “Houve uma mudança total; tivemos até que dividir a Província em dois Distritos; num deles ficamos poucas, porém, comprometidas e inseridas nos Meios Populares”. “O pessoal jovem das congregações percebe mais a realidade, é mais sensível aos desafios, portanto aconte-

ceu certa mudança, não porém sem dificuldades". "Na minha província e congregação, as mudanças estão acontecendo na linha da reabilitação do carisma a partir do clamor das prostitutas; somos uma congregação que nasceu para ser expressão da graça redentora; os capítulos e assembléias estão acontecendo em torno de um assumir maior a inserção e responder sempre mais aos apelos da mulher." "As prostitutas me ensinaram a amar de verdade, a reconhecer Jesus nas suas pessoas, ser solidária; me ensinaram valorizar a VR e como entender e vivenciar melhor a dimensão dos votos". "Minha persistência e dedicação às mulheres tem ajudado outras Irmãs a se conscientizar; houve mudança de mentalidade, maior comprometimento com a mulher prostituída, quebra de tabus, enfim — valorização da mulher como pessoa".

Trajetória até abraçar a causa

"Desde 1976, cada vez mais senti necessidade de melhorar minha opção pelo pobre e converter-me radicalmente à causa do oprimido; não só por palavras, mas com ação, correndo o risco, seguindo o Mestre que deu a vida para que a tivéssemos em abundância". "Senti necessidade, como cristã, prestar um acompanhamento maior às prostitutas, conhecendo a grande marginalização a que estavam sujeitas; como Coordenadora da Pastoral Urbana, visitava as periferias e percebi o problema, isto já há seis anos... mas como não se muda nada de repente —

especialmente quando se deseja mudanças mais profundas aprendi que um caminho é a liberdade oferecida para os que querem atuar nesta área". "Desde 1985 me senti tocada pelas questões sociais; recebi convite para integrar a PMM; aceitei o desafio e diante desta realidade é impossível desistir". "Como já trabalhava na Pastoral de Rua e por estar morando num bairro pobre, com inúmeros prostíbulo, fui me envolvendo com as demais religiosas que faziam este trabalho, até comprometer-me com a PMM". "Sou apaixonada pela minha vocação e Deus me chamou para uma Congregação que tem como carisma específico, trabalhar pela libertação da mulher; assumo como uma missão".

Longo aprendizado, repleto de buscas, interpelações constantes, caminho mesclado de ternura e vigor. Assim como se estivéssemos aprendendo do próprio Jesus. Uma grande amizade com Ele, nos conduz necessariamente à busca dos seus e das suas prediletas. Assim, as religiosas, agentes da PMM, foram experimentando que a compreensão da realidade humana nos conduz à compreensão da realidade divina.

Uma segunda marca, na opção pela mulher marginalizada, é a consciência que somos escolhidas e enviadas para tal missão. "Vocês não me escolheram, fui eu que escolhi vocês" (Jo 15,16). Mas, nós também devemos escolhê-lo como amigo pessoal, com todas as suas conseqüências.

Conclusão

Sem pretensão de esgotar aqui a reflexão, falamos em conclusão, pensando em continuidade. Solicitamos às agentes que acrescentassem outro depoimento ou testemunho seu: "Pensei que a realidade era outra... que a vida delas fosse as mil maravilhas; fiquei chocada com a verdade..." "Penso que estas mulheres rezam com autenticidade, não usam máscaras por não terem nada a perder..." "Acho que esta pastoral hoje tem um caminho, está em processo de crescimento".

Nossa perspectiva foi levantar pistas para levar adiante o debate. Propositamente registramos extensivamente a fala daquelas que não têm voz. É expressiva por si! Nasceu da experiência dura, dos desabafos incontidos e das esperanças de muitas mulheres, representando uma multidão.

D. Aloísio, se referindo ao mundo do empobrecido lembra: "O mundo do pobre e a realidade histórico-social são sempre ambíguos. Tanto podem ser "lugar" do Espírito, quanto "lugar" do pecado. Nelas tanto podemos ter a experiência de Deus, quanto sua ausência, ou seja, o pecado. A mística cristã precisa constantemente de uma experiência de Deus mais pura e mais densa, que chamamos de *contemplação*. A fidelidade à contemplação como experiência de Deus, nos torna capazes de crescer no conhecimento de Jesus e no seu seguimento, a partir da realidade. Isto é o que

permite fazer da experiência do pobre uma experiência espiritual".

Como agentes, sempre encontramos problemas ao apresentar a substância do cristianismo aos pobres e humildes. O desafio não é somente o de fazer chegar ao coração das pessoas a fé e a teologia da Igreja, mas também a mística cristã. Então, como afirma Segundo Galilea "a gente fica tentado a reservar a mística para os cultivados e entregar aos pobres apenas os temas de libertação e justiça". Por que? Um chamado que requer abertura de caminhos novos, exige globalidade.

Jesus veio para fazer-nos entender o amor de Deus por nós. A maneira como Ele amou é o caminho para compreendê-lo. Jesus amou as mulheres. Tinha profunda amizade com Marta e Maria; deixou-se tocar pela hemoroíssa, revelou seu segredo à samaritana "eu sou o Messias"; libertou a adúltera; aprendeu da mulher cananéia, enfim fez-se acompanhar por mulheres e permitiu que O servissem com suas posses.

Na PMM há um derradeiro afunilamento, abrangendo várias questões, que tocam profundamente nossa individualidade, nossas relações, as normas, as doutrinas, a espiritualidade, as teologias, especialmente nossa moral, nossa ética, sexualidade, afetividade. A pastoral da mulher marginalizada pela prostituição impõe uma exigência de encarnação e participação militante na caminhada de pessoas que estão vivendo no mundo, ou melhor, no sub-mundo marcado por inúmeras contradições.

Na medida em que vamos penetrando neste contingente de oprimidas, se descobre um novo universo, novos sinais, uma nova esperança, grande solidariedade, capacidade de resistência... e ao mesmo tempo deparamos com formas extremas de desesperança, miséria, pobreza, exploração, competição e desgraça. Neste nível, o agente vai mais e mais calando. Não é a fala ou a cabeça que são exigidas, mas o coração e as mãos. Aqui se está num nível realmente último. Para além dele é a morte. O projeto de base é a sobrevivência; o garantir a comida para si e os filhos. A necessidade faz esquecer — quando possível — os riscos que a entrega do corpo acarreta hoje, pelos riscos das DST e pela imensa proliferação da Aids. Aqui não se trata do grande projeto de libertação, das estruturas econômicas, dos encaminhamentos políticos, das alianças necessárias etc. Apesar de reconhecermos a necessidade de tudo isto e também da articulação e unificação com as demais pastorais populares, bem como com os demais movimentos sociais estamos conscientes também da necessidade da formação política e de uma mística adequada.

No nível objetivo, sabemos que tudo isso é indispensável e necessário para transformar a situação de miséria. Porém, a densidade da opressão e o atordoamento da luta pela sobrevivência que estas mulheres enfrentam, dificultam a formulação ao nível objetivo de tais questões. Elas são segundas. Supõe

já o prato feito, a pensão do filho garantida, a certeza incerta que nos exames trimestrais de saúde não se surpreenda com problemas mais graves de saúde etc. Nestas circunstâncias se descobre a iniquidade da pobreza, ou melhor, da miséria, bem como o arrasamento da degradação física, emocional, moral e espiritual que estão submetidas as mulheres prostituídas, por enfrentar esta 'batalha' com algumas se referem. É uma situação de pecado que Deus jamais poderá querer. Ela é tão perversa que desestrutura a pessoa por dentro; elas ficam extremamente individualizadas (pois se trata de salvar a própria sobrevivência, arriscando tudo: saúde, segurança, afeto, futuro... tudo); São pessoas — mulheres — corrompidas em suas relações humanas, sexuais, econômicas, morais etc. A Saly, gaúcha de Porto Alegre, dizia: "Sinto-me uma pessoa destruída por dentro." Corrompidas exatamente no seu ser individual, comunitário, na sua condição de cidadãs — sem consciência de seus mínimos direitos. E aqui, como agentes desta pastoral começamos pensar: se Deus existe é para elas. E nos reportamos à doutrina e prática de Jesus em relação às mulheres e acabamos acreditando: elas têm um lugar. São amadas de Deus que atualizam permanentemente a figura do Servo Sofredor. Elas se salvam não porque sejam melhores ou possuam virtudes, mas porque participam da Paixão do Filho de Deus por sua própria paixão diuturna. □

CONFLITOS ECLESIAIS E VR: UM DISCERNIMENTO A PARTIR DA HISTÓRIA DA IGREJA E DA TRADIÇÃO PROFÉTICA

A história da Igreja é uma história feita de heroísmo, martírio, fé, coragem, mas é também uma história de conflitos e amarguras.

P. Nicolau Masi, FX
Belém, PA

INTRODUÇÃO: Não é fácil falar da Igreja. O perigo é simplificar sem se dar conta da sua complexidade. A tentação é reduzi-la a puro corpo ou a puro espírito, a um acontecimento transitório ou a algo definitivo. Não se vê o mistério de uma Igreja contemporaneamente divina e humana, cheia de verdades e erros, santa e pecadora. Nela convivem o *mysterium iniquitatis* e o *mysterium Incarnationis*, contemporaneamente casta e meretriz, pedaço de céu e pedaço de terra, construtora de Reino e portadora de anti-reino. Portanto chão de conflitos, mas de dinamismo e de tensões sempre novas. Nela o conflito é "normal", porém existem *mecanismos estruturais* (dogmas, sacramentos, hierarquia) e *carismáti-*

cos (proféticos) para superar estes desafios sempre recorrentes.

A nossa pergunta é saber se os religiosos têm algo a ver nesta questão e qual seria eventualmente o seu papel.

1. O MISTÉRIO DA IGREJA

O fato "Igreja" pode ser pensado, até vivido, como uma realidade sociológica ou como uma realidade de fé. No primeiro caso só podem existir explicações humano-racionais. No segundo caso a Igreja é um "mysterium", portanto só pode ser lida e vivida à luz fé.

1.1 *A Igreja não nasceu de carne e sangue*, pois os discípulos do Ressuscitado "foram regenerados não

de semente" corruptível, mas imortal, isto é, da palavra de Deus viva e eterna (1 Pd 1,2). A Igreja não é livre associação de homens. Ela é fruto de um impulso que precede a vontade dos componentes: "Ele subiu ao monte e escolheu os que Ele mesmo quis" (Mc 3,13). "Não foram vocês que me escolheram, mas fui eu que escolhi vocês" (Jo 15,16). Eu "Ihes transmiti as palavras que me confiastes" (Jo 17,8), portanto agora "eles não são do mundo" (Jo 17,16). Ele irá construir a sua Igreja sobre Simão, a nova pedra (cf. Mt 16,18), e envia os apóstolos em todo o mundo para que tornem seus discípulos "todos os povos" (Mt 28,19). "Coragem, eu venci o mundo" (Jo 16,33). "Rogarei ao Pai e ele vos dará o Paráclito, que estará convosco para sempre" (Jo 15,16). "O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos trará à memória quanto vos disse" (Jo 14,26). "Permanecei em mim e eu em vós" (Jo 15,4) "Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo" (Mt 28,20).

1.2 A Igreja porém é feita de carne e sangue

Marcos (3,14) diz que Jesus escolheu os Doze para que

- estivessem com Ele;
- pregassem as boas notícias do Reino;
- expulsassem os demônios.

De fato foi uma longa aprendizagem nem sempre coroada de bons resultados.

A primitiva comunidade, ainda presente ou já ausente Jesus, apresenta-se como um grupo heterogêneo, com exemplos de grande despreendimento e admirável disponibilidade, mas também com atitudes e gestos desagradáveis, de falta de fé, coerência, coragem; de inveja, de orgulho, de ciúme, de abandono e até de traição do Mestre.

Simão, recém-chamado "pedra" da comunidade, é repulso como Satanás tentador. Presunçoso, pensa poder andar sobre as águas, como se fosse o próprio Cristo e não um como os outros. Mas a falta de fé o coloca no perigo de afundar.

"Que sejam um como tu e eu somos um" (cf. Jo 17,11), tinha rezado Jesus, na sua última ceia. Mas o conflito está de casa na Igreja. A Eucaristia (um pão dividido entre muitos) recebe os primeiros assaltos e, de realidade exigente e dramática, é reduzido a aspecto ritual. É suficiente "comungar" ao pão sagrado sem se preocupar de partilhar o outro pão (cf 1 Cor 15).

Comunhão e participação não são tomadas a sério. Raças e culturas diferentes não recebem a mesma atenção e o mesmo respeito. Os capítulos 7 e 15 de Atos são uma prova dos conflitos internos e profundos da Igreja. As viúvas dos gregos são discriminadas, a cultura dos incircuncidados não é aceita e, mesmo depois do concílio de Jerusalém, é mal tolerada. O próprio Pedro

não consegue se esquivar das pressões de Tiago e dos judaizantes e se torna incoerente com as decisões tomadas. Paulo se sente obrigado a resistir abertamente a essa atitude de Pedro (cf. Gal 3).

Também na ação missionária são constantes os conflitos ideológicos, metodológicos, até pessoais (cf. Paulo e Barnabé, por motivo de Marcos).

De maneira geral podemos dizer que a história da Igreja é uma história feita de heroísmo, de martírio, de fé, de coragem, mas é também uma história de conflitos, de incompreensões, de amarguras. Não faltam momentos dramáticos: rupturas, heresias, separações, luxo, poder, intolerância, fanatismo, cruzadas, inquisição.

1.3 *Os instrumentos do equilíbrio*

“Não peço que os tires do mundo mas que os guardes do mal” (Jo 17,15). A Igreja é aquela comunidade que deve se tornar Reino, mesmo ficando no mundo, é porção de mundo e é porção de Reino. É depósito do já e procura do não ainda. É tradição e é profecia. É passado e é futuro.

Nela Cristo colocou os dispositivos capazes de harmonizar os dois pólos. Ela corre continuamente entre estabilidade e mudança, entre o eterno e o histórico, o absoluto e o provisório. Verdades eternas são confiadas em mãos humanas, o absoluto passa através do provisório. A vida eterna se constrói no relativo da vida terrena.

A Igreja é portanto INSTITUIÇÃO. Não depende dela o fato que Deus seja Unidade em Trindade, que o Filho tenha-se tornado carne, que ele tenha nos dado caminhos, sinais, sacramentos.

Mas a Igreja é também CARISMA, dom para um povo em marcha, portanto em contínua mudança, condicionado por tempo, espaço, cultura. Ela deve então ter uma sensibilidade finíssima, antenas e radares perfeitos para “discernir” caminhos e percursos, doenças e remédios, ver o presente projetado no futuro e o futuro se realizando no presente.

Para cuidar da “instituição”, o próprio Cristo colocou pastores, mas para cuidar do carisma o Espírito inventou os profetas. Aliás, a Igreja não pode ser dividida em dois compartimentos estanques, mas foi ideada como “instituição de profetas” e os cristãos foram pensados como “profetas por instituição”.

Certo, “seria errôneo pensar que os religiosos, por sua vocação eclesial, estão investidos de uma função profética, de que careceriam os pastores da Igreja, contrapondo assim o carisma da vida consagrada à instituição hierárquica” (João Paulo II, carta Apostólica aos religiosos da AL por ocasião do V centenário da evangelização do novo mundo, em *L'Osservatore Romano*, ed. port. 29.07.90, nº 22d).

Os religiosos porém se colocam numa disponibilidade total para, na sua vida, serem conduzidos pelo vento do Espírito, da criatividade e

da imprevisibilidade. E a vida religiosa quer justamente ser uma semelhança em que seja fácil encontrar gente totalmente despreendida de si e totalmente disponível a realizar as invenções do Espírito.

2. O MUNDO EM QUE SÃO CHAMADOS A ATUAR INSTITUIÇÃO E CARISMA

2.1 O nosso mundo é um mundo de conflitos

As primeiras páginas da Bíblia nos dizem abertamente que o homem não soube apreciar a sua semelhança com Deus, preferiu uma vida autônoma, em conflito com o plano de Deus. Quebrando com Deus, quebrou também consigo mesmo, com a companheira da vida, com os filhos, com os irmãos, com a natureza, com a sociedade. Chegamos a Babel, aonde ninguém mais entende e fala a língua de ninguém. É necessária uma nova criação (Ressurreição) e um novo Pentecostes em que o Espírito leva o homem a aprender a língua dos outros (de Deus e dos homens).

2.2 A Sociedade civil é um mundo de conflitos

O mundo está dividido. A violência é a regra. Existe uma corrida danada à exploração e à acumulação sem limite. O direito é do mais forte, a lei parece feita pelos mais fortes para subjugar e castigar os mais fracos. O primeiro mundo tor-

na-se sempre mais rico, criando distâncias sempre maiores com o terceiro mundo, no qual, porém, é fácil encontrar a corrupção, a opressão, os privilégios, as mordomias às custas de sacrifícios imensos impostos às massas sempre mais desprotegidas e empobrecidas. O arbítrio é constante e isso não pode gerar senão violência e criminalidade. Acrescentem-se as tensões geradas por nacionalismo e racionalismo exacerbados, por organizações criminosas (máfia, narcotráfico, sequestros...). A própria ONU renunciou os métodos pacíficos e o diálogo para impor as suas leis (leis aliás de uma parte) com a força e a guerra.

O nosso ar social é portanto quase que irrespirável.

2.3 A Sociedade eclesial e as suas conflitualidades

A Igreja foi pensada por Cristo para ser uma nova Jerusalém a "cidade da paz", anúncio e ensaio do Reino. Lá ela tende, esse é o seu ponto de chegada. Entrementes nela se encontram juntos pedaços de Egito e de Terra prometida, pedaços de Terra e pedaços de céu. A tensão entre os dois elementos é constante. Nunca a Igreja cessa de ser terra, mas nunca ela pode esquecer de ser chamada a ser céu. É uma dialética constante entre dois grupos de interesses sempre antagônicos. Para citar uns exemplos: é nota a dialética entre o senso de auto-suficiência e de fraqueza, de

monarquia absoluta e colegialidade, de centro e de periferia, de poder e de escolha dos últimos, de dogmatismo e de pluralismo. Qual a resposta a ser dada a todos estes problemas? Que metodologia usar? O que dizer do surgimento de novos ministérios, da formação dos presbíteros, do relacionamento Bispos-teólogos, clérigos-leigos, Paróquia-CEBs, do surgimento de novas seitas, do secularismo e do indiferentismo religioso e moral imperantes? Como resolver os grandes problemas do homem de hoje? Como "humanizar" ética, economia, política?

"Mestra da verdade" a Igreja pode ser tentada de confundir conteúdo e metodologia, dogma e disciplina, se fechando a caminhos novos apontados pelos profetas. De outro lado, no desejo de encontrar caminhos novos, à medida do homem moderno, a Igreja pode ser tentada de esquecer ou silenciar "verdades incômodas". Portanto é necessário encontrar gente marcada por um grande amor à verdade e por um grande amor ao homem.

Nem tudo isso porém é suficiente. O exemplo de Saulo é quanto mais eloquente. Ele não era um filho pródigo, um ladrão, afastado de Deus. Pelo contrário, "estava cheio de fervor religioso" (At 22,3) e era homem da lei. Ele a tinha estudado a fundo com Gamaliel, em Jerusalém, e havia sido educado com todo rigor. Não era homem tíbio ou medíocre, mas arriscado e zeloso, sem medo de pôr em risco a própria vida e a dos demais, em defesa das tradições de seus pais, distinguindo-se

no judaísmo (Gal 1,13; cf. Benjamim Gonzales Buelta, O Deus Oprimido, CRB, 1989, pág. 14). A sua raiva se descarrega sobre os cristãos, esta minoria marginalizada e perseguida, com quem porém se identificava o próprio Jesus Cristo.

Daí se vê que os conflitos não surgem necessariamente por maldade. Não são fruto sempre e só de pecado, de erro, de ignorância, de incompatibilidade de caráter, de psiquismo doentio. Saulo era um homem normal, sadio, profundamente religioso, homem reto, que só queria fazer a vontade de Deus. À sua maneira porém, ou à maneira do poder religioso da época. Noutras palavras, Saulo vivia ideologicamente a sua religião. Atrás de Javé, Saulo, sem se dar conta, estava defendendo a primogenitura ameaçada do seu povo, o seu prestígio, o seu interesse. Não se dava conta do Deus dos pequenos, do Deus que tinha pulado o muro para estar do lado dos últimos. Ele ficou como que cego, três longos dias, e só quando passou com os perseguidos conseguiu enxergar.

É necessário sim encontrar gente marcada por um grande amor à verdade e aos homens, mas também ansiosos de se espelhar continuamente no Cristo, dispostos a se deixar interpelar e contestar por medo de ser conduzido pela ideologia antes que pela fé, pela razão do poder dominante antes que pela razão dos marginalizados.

É claro que o discurso religioso tem a sua função própria, original,

independente; ele nos fala de valores definitivos, de verdades transcendentes. Só que as pessoas que fazem o discurso vivem num contexto condicionante a visão deles e portanto o discurso religioso pode ser usado por pessoas carregadas de ideologia para defender interesses pessoais ou grupais.

Saulo nem imaginava que ele não estava defendendo a "verdadeira" religião mas os "interesses" que a "sua" religião lhe proporcionava.

O próprio João Paulo II (Reconciliação e Penitência, nº 2) deve reconhecer com tristeza: "uma vez que a Igreja, sem se identificar com o mundo, nem ser do mundo, está inserida no mundo e está em diálogo com o mundo, não é para admirar que se notem na sua própria estrutura repercussões e sinais da divisão que dilacera a sociedade humana. Para além das cisões entre as Comunidades cristãs que de há séculos a contristam, a Igreja experimenta hoje no seu seio, aqui e além, divisões entre as suas próprias componentes, causadas pela diversidade de pontos de vista e de escolhas, no campo doutrinal e pastoral. Também estas divisões podem por vezes, parecer irremediáveis."

3.1 O perigo da Vida Religiosa

Conheci um padre mestre de noviços, que costumava dizer: "O noviçado é como um tubo. Você pode ser quadrado, retangular, romboidal, mas, entrando neste tubo da Vida Religiosa, você deve sair re-

doendo." Eis o perigo. A VR pode ser usada como máquina reducionista, niveladora, cortadora de pontas. Formação, regras, voto de obediência podem ser o grande trunfo de quem quer manter um exército de executores cegos. Amor ao Fundador, fidelidade à santa Tradição, podem se tornar uma armadilha para colocar vendas nos olhos e assim colocar inúmeras forças vivas a serviço de um sistema não propriamente "eclesial".

De outro lado podem-se desviar corações jovens inexperientes em atividades não propriamente religiosas, pintando a fé de fanatismos, integristas, dogmatismos, ideologias.

3.2 Como e porque surgiu e continua a existir a VR?

A VR quis e quer ser uma escolha total e definitiva de Deus e, no mesmo tempo, quer ser uma resposta aos grandes problemas da humanidade, uma proposta de verdade esquecidas, uma repescagem de valores perdidos. Os MODELOS a quem constantemente a VR se refaz são:

Cristo e os seus discípulos e

A primeira comunidade de Atos (At 2,42-47; 4,32-35). Querendo simplificar o máximo, podemos dividir a história da VR em três grandes momentos paradigmáticos:

- a "fuga mundi" (o deserto);
- os mendicantes;
- o serviço ao mundo.

3.2:1 A "fuga mundi", ou seja o Monaquismo

Num mundo oficialmente cristão, mas com um cristianismo de massa, com diminuição de valores, só à procura de poder e prestígio, há gente insatisfeita, que não aceita os novos valores e foge no deserto para gritar, com toda a sua vida, que Deus é tudo, por Ele vale a pena dar tudo, até aquilo que o mundo considera os valores máximos como poder, riqueza, sexo, e a própria vida.

3.2.2 Os Mendicantes ou a escolha de "Madonna Povertá"

Com o tempo, já bem longe dos tempos das perseguições e do martírio, a Igreja se torna também poder e procura dirigir a sociedade inteira direta e indiretamente. Nasce o Sagrado Romano Império. Cresce a sede de poder, riquezas, prestígio. Papas e Bispos misturam sagrado e profano, religião e política.

Para conseguir isso não se pára frente à simonia, ao recurso à corrupção, à mentira, à violência.

Por parte de muitos há uma resposta errada ou pelo menos equívoca: a resposta da rebelião, da heresia, dos "Fraticelli". Mas há também a resposta de Francisco, que, num mundo de cobiça e de ganância, escolhe "Madonna Povertá", se esvazia de si mesmo. É tal a sua confiança no Pai, que cuida dos pássaros e até dos cabelos de nossa cabeça, que chega ao ponto de re-

cusar qualquer segurança e se torna mendigo. A única riqueza dos Frades/irmãos mendicantes é a sua confiança em Deus. O amor ao Cristo crucificado e a escolha da pobreza levaram Francisco e os seus seguidores aos lugares mais pobres e esquecidos. A pobreza não dá mais medo, aliás é considerada a sua própria senhora, "Madonna Povertá".

3.2.3 As Congregações de vida Apostólica

De novo outro drama, outros problemas, outros desafios. Na Igreja alastram-se espírito mundano, luxo simonia, infidelidade à própria missão, abandono do povo.

As respostas a estes desafios são muitas:

Forças e movimentos, às vezes descontrolados, aparecem em todos os lugares. Sempre houve espíritos nobres, rebeldes, à procura de algo diferente. Nem sempre os caminhos trilhados ajudaram a Igreja a encontrar a solução aos seus males. Os vários Cismas e a Reforma foram tentativas a que nem sempre faltaram boa vontade, reta intenção. Talvez porém faltassem disciplina, obediência, comunhão intereclesial, humildade.

Surgiram assim outras respostas, como a de um Inácio que tentou a verdadeira reforma, se devotando a uma mística do encontro com Deus no mundo, na obediência, no autocontrole e na doação aos irmãos. Outros queriam reformar a Igreja

em um encontro mais vivo e dinâmico com Deus através dos enfermos, dos pobres, nas escolas, nas missões. Para ser religioso não é mais necessário ficar enclausurado. Deus é contemplado, amado no mundo e nos seus filhos mais necessitados.

3.3 A Vida Religiosa hoje na AL: desafios e respostas

Em cada época o religioso, se quer ser de verdade um consagrado a Deus e ao seu Reino, deve redescobrir a sua identidade. Quem é ele? Aonde se situa? Para onde vai? Qual o seu papel dentro de um mundo desligado de Deus e do seu Reino e dentro de uma Igreja preocupada de não perder o seu depósito e, no mesmo tempo, preocupada de não perder a sua raça, o seu dinamismo profético?

Poderíamos colocar a nossa atenção em ressaltar os desafios a que os religiosos de hoje devem responder: o primeiro bloco diz respeito mais aos desafios externos à Igreja, o segundo bloco aos desafios internos à Igreja.

3.3.1 Desafios Externos

O maior desafio que se apresenta a todo Cristão e, de maneira particular, ao profeta e, portanto, ao Religioso é o PECADO DO MUNDO. João Batista indicou quem deveria tirar esse pecado, o próprio Jesus Cristo. E esse pecado se manifesta no descaso que o homem moderno faz de Deus e do seu ir-

mão. O homem de hoje é tentado a viver desligado de Deus e desinteressado do seu irmão. Não adianta professar "ritualmente" uma crença e realizar ritos religiosos, quando o próprio Deus é outro e quando este Deus não se torna defesa dos irmãos, sobretudo dos fracos e dos últimos. O religioso deve dar corpo, voz, aparência a este Deus, no meio de um mundo mesmo aparentemente crente, mas substancialmente ateu, ou melhor adorador de fetiches: do poder, do dinheiro, do prazer.

3.3.2 Desafios Internos

O papel da Igreja é reviver e interpretar o Cristo no tempo e no espaço em que Ele atualmente vive. O Cristo, filho de Deus, se faz contemporâneo e consangüíneo a toda raça, a toda cultura, a todo homem. A Encarnação é algo de profundamente vivo e sério. Excluir esta Encarnação de uma época, até de um só homem, é querer impedir a Cristo de ser Cristo. Nenhum tempo portanto, nenhuma cultura, nenhum homem pode pretender ter o monopólio interpretativo de Cristo, da sua pessoa, da sua missão. Há culturas "privilegiadas", povos "privilegiados", que tentam impedir o milagre de um Deus que continua a se tornar homem, muitas vezes em boa fé, sacralizando cultos, ritos, línguas, teologias, culturas ou privilegiando-os contra outros. Hoje é justamente este "amor" ao Cristo que divide os cristãos a respeito da mensagem evangélica e do método da evangelização.

3.3.3 As Respostas possíveis da VR na AL

A Igreja está preocupada em não perder o depósito da fé, enriquecido ao longo dos séculos pela reflexão — atuação de tantos irmãos, e em se tornar interlocutor vivo e eficaz de cada homem. Aprender a língua e a mensagem de Deus (imutável e fixa) e, no mesmo tempo, aprender a língua e a sensibilidade humana (histórica e mutável).

A atitude do pastor e do responsável é a de não perder nada daquilo que lhe foi confiado; no mesmo tempo ele está preocupado para que esta riqueza sirva de verdade às ovelhas dos vários tempos e lugares.

A Igreja sabe quanto foi e continua sendo preciosa a atividade dos religiosos de maneira particular na AL. O Papa, na sua "Carta Apostólica aos religiosos e religiosas da AL por ocasião do V Centenário da Evangelização do novo mundo" (em *L'Osservatore Romano*, ed. port. 29.07.90), diz que os religiosos e as religiosas representam uma força evangelizadora e apostólica primordial no continente Latino-Americano. *A presença da vida consagrada é um enorme potencial de pessoas e comunidades, de carismas e instituições, sem o qual não se pode compreender a ação da Igreja em todas as latitudes, a inserção do Evangelho em todas as situações humanas, o auge das obras de misericórdia, o esforço para empregar as culturas, a defesa dos direitos humanos e a promoção integral das pessoas, assim como a*

animação e guia das comunidades cristãs, inclusive nos lugares mais remotos" (3.a).

Para realizar o projeto de uma nova Evangelização o Papa pede aos religiosos que cheguem a uma "humanidade madura", "no pleno uso do dom da liberdade" "posta ao serviço exclusivo de Deus e dos Irmãos" (17) "para anunciar Jesus Cristo com a palavra e com a vida" (18).

Mas quais os caminhos? Qual o método?

Papa e Bispos se mostram muito confiantes na ação dos Religiosos e agradecem "O trabalho humilde e escondido a serviço de uma humanidade pobre" (discurso do Papa aos religiosos participantes à reunião sobre os problemas acerca da vida consagrada na AL, 10.01.91). Ao mesmo tempo porém a Hierarquia se mostra muito preocupada "por certos aspectos menos asseguradores que incidem profundamente na vida dos religiosos e causam repercussões negativas no seio de toda a comunidade eclesial. Aos legítimos responsáveis do governo das Igrejas particulares todo o grei deve docilidade e fidelidade como ensina a fé católica, mas é sobretudo dever dos religiosos cercar os Pastores "com espírito filial de reverência e afeto, como lemos no Decreto Conciliar "Perfectae Caritatis" (nº 6). Aí também muito pressante é o apelo aos Religiosos: "Sempre mais intensamente vivam e sintam com a Igreja e se coloquem a total serviço da sua missão." (*Ibidem*, 6).

“Infelizmente há motivos fundados para afirmar que não somente uns grupos de religiosos não são solícitos em procurar e fomentar essa comunhão eclesial, que o Senhor quis confiar à guia dos Apóstolos e dos seus sucessores, mas não infreqüentemente promovem iniciativas paralelas, quando não abertamente contrárias às diretivas do Magistério Eclesiástico.

As federações nacionais dos religiosos e das religiosas e a própria CLAR são organismos muito úteis para promover uma maior colaboração para o bem da Igreja (cfr. “Perfectas Caritatis”, nº 23).

Porém as diretrizes dadas para o seu correto funcionamento nem sempre foram acolhidas com generosa docilidade. E isso, é óbvio, foi causa de preocupação e dor.

A Hierarquia, sempre, mas de maneira particular nos últimos tempos, está preocupada com “desvios e perigos de desvios”. Ela aceita, acha aliás necessária liberdade, libertação, opção preferencial pelos pobres, promoção da solidariedade social, comunhão e participação na Evangelização. Parece porém que medo e preocupação estejam sempre presentes: “Todavia, infelizmente, não têm faltado a este respeito desvios e atitudes demasiado radicais e unilaterais, que têm chegado a ofuscar em algumas ocasiões o ‘sensus Ecclesiae’” (15b).

Assim a respeito de liberdade e libertação “é importante, pois, que esse testemunho não se deforme sob influência e intepreções redu-

ras do Evangelho, que poderiam afetar o genuíno conteúdo da sua mensagem e a própria vida consagrada, com o perigo, sobre o qual já nos adverte o Senhor, de que o sal se desvirtue e perca o seu sabor (cf. Mt 5,13)” (18c).

A respeito da opção preferencial pelos pobres “é necessário sublinhar uma vez mais o justo significado da opção preferencial, não exclusiva nem excludente, em favor dos pobres” (19a). Esta opção não pode ser “um sinal de particularismo ou de sectarismo”... “é por esta razão que a Igreja não pode exprimi-la com a ajuda de categorias sociológicas e ideológicas redutoras, que fariam de tal preferência uma opção partidária e de natureza conflitiva” (“Libertatis Consciencia”, 68).

Não menor preocupação suscita a procura de uma justa autonomia dos religiosos dentro da comunhão eclesial. O Papa frisa o critério seguro: “Sentire Ecclesiam e sentire cum Ecclesia” (22e). Essa autonomia “não deve ser pretexto para uma atividade apostólica à margem da hierarquia ou que ignore as suas orientações Pastorais. Seria ir contra a natureza da Igreja e da vida consagrada, reivindicar, por parte dos religiosos e das suas instituições, uma espécie de paralelismo, traduzido numa pastoral ou num magistério paralelo” (22d).

“Seria também errôneo pensar que os religiosos, por sua vocação eclesial, estão investidos de uma função profética, da qual careceriam os Pastores da Igreja, contra-

pondo assim o carisma da vida consagrada à instituição hierárquica, e o profetismo dos religiosos à missão dos Bispos ou ao mesmo caráter profético da vocação laical" (22d).

"Estas tendências e atitudes não encontram justificativas possíveis em uma reta eclesiologia da vida religiosa. Antes, estão em clara contradição com a natureza da vida consagrada, que é vida de comunhão e unidade" (22e).

Ora, está claro que a Igreja toda deve ter uma "atitude de serviço, que tem Cristo como modelo supremo" (13d) e que os fiéis, em primeiro lugar os religiosos, devem sentir "profundamente a comunhão eclesial, a obediência e o amor aos seus Pastores, assim como o afeto filial para com o Papa" (14a).

Este amor à Igreja, esta comunhão eclesial são fundamentais para um cristão. Não são porém fim a si mesmo, não se trata de repetir a atitude de Pedro: "É bom estarmos aqui. Façamos, pois, três tendas" (Mc 9,5). A Igreja toda é pensada em função de um amor maior e efetivo ao mundo.

Não se pode portanto tirar uma só palavra, nem uma só preocupação manifestada no documento acima.

Com quanto esse documento não fique distorcido e usado por gente que não gosta de ser incomodada.

Num tempo em que os pobres não só não diminuem mas aumentam assustadoramente na nossa AL

é necessário renovar a própria opção por eles. Frisar os perigos de uma opção exclusiva pelos pobres está certo, mas quantos religiosos e instituições ficaram com isto tranqüilos com as suas obras que, em muitos lugares, só servem aos ricos? Por que não se faz uma estatística para ver em que proporção os religiosos vivem nos Centros Urbanos bem abastados e quantos vivem na periferia com os marginalizados de nossa sociedade?

Por que não se averigua quantas são as instituições religiosas em dia com as suas obrigações sociais para com seus empregados? Os religiosos estão preocupados com os sete milhões de meninos que não conseguem uma vaga na escola, sobretudo nas periferias dos grandes centros urbanos e no interior?

Chamar atenção sobre obediência, disciplina, comunhão eclesial é sempre necessário, conquanto tudo isso não seja interpretado como incentivo ao comodismo. Quantos religiosos vivem na execução de normas e de ritos, sem capacidade de se reinventar, de se deixar guiar pela fantasia e pela criatividade do Espírito, que sopra de maneira sempre velha e sempre nova? O perigo é portanto que gente acomodada se sintam bem justificada a ficar no seu comodismo.

4. COMO SITUAR A VR HOJE NA AL? QUE COMPETE FAZER?

Na dialética entre instituição e carisma, entre obediência e criatividade, entre tradição e voz dos

tempos, o perigo é de se deixar levar por radicalismos, renegando a riqueza de um dos dois pólos. O religioso é um que faz a experiência da eclesialidade, do mundo novo, já, de certa forma, antecipado e ensaiado na sua comunidade. No mesmo tempo, é um que sabe que o Reino está sempre além, que nunca ninguém na terra o atingiu plenamente e reserva sempre surpresas e novidades. O religioso não recusa nada das riquezas do passado mas fica sempre aberto à primavera do Espírito. Ele sabe que deve amar os que estão dentro, mas sabe que o seu serviço de amor é, de maneira especial, pelas "ovelhas perdidas", por aqueles que estão fora, no perigo, marginalizados.

O sentido do chamado de Cristo à VR é o mesmo dos doze eleitos "para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios" (Mc 3,14-15): ficar com Jesus, anunciar as suas boas notícias, expulsar todo tipo de mal.

Daí a importância da procura, do testemunho, do anúncio.

PROCURA: "Que estais procurando?" disse Jesus aos dois discípulos de João que se dispuseram a seguir o Mestre (cf. João 1,38). Eles querem saber onde Jesus mora, eventualmente ficar com ele o dia inteiro. O religioso é um desses discípulos: sempre à procura, nunca satisfeito, sem se acomodar na presunção de ter encontrado tudo, definitivamente. Ele não pretende ter o

monopólio de Cristo e de seu mundo. Ele sabe que o Cristo convive misteriosamente no aqui e no além e que este além está cheio de surpresas.

TESTEMUNHO: "Mestre, onde moras?" "Vinde e vede." "Eles foram e viram onde morava e permaneceram com Ele, aquele dia" (Jo 1,38-39). Conviver com Jesus, morar com Ele, experimentar a intimidade com ele, se deixar plasmar por Ele. Se "os de fora" nos perguntassem onde moramos, se eles chegassem nas nossas casas o que encontrariam? Jesus e o seu estilo de vida? Ou outro mundo e outro estilo?

ANÚNCIO: Em terceiro lugar aos religiosos Cristo confia a tarefa de transmitir as suas boas notícias, boas sobretudo pelos vários Zaqueus, pelos vários Levis e pelas várias Samaritanas de hoje. "Por que ele come com os publicanos e pecadores?" (Mc 2,16). Também os religiosos de hoje devem aprender a "sujar as mãos", a aceitar de ser criticados porque, como Jesus, foram "hospedar-se na casa de um pecador" (Lc 19,7).

Daí a necessidade de os religiosos se deixarem inspirar continuamente por Cristo, o seu mundo, o seu espírito, o seu evangelho, que nos falam da centralidade do **HOMEM**, da centralidade do **REINO** e da centralidade da **PRÁXIS**.

A CENTRALIDADE DO HOMEM: Quando o casal de Caná está em dificuldade, Maria, com sua

imensa sensibilidade ao OUTRO e as suas necessidades, pede a Jesus de intervir. "Ainda não chegou a minha hora" (João. 2,4). "Chegou, sim", parece insistir Maria. "Como é que tu sabes que minha hora chegou?" "A tua hora chegou quando alguém precisar de ti." Assim "nossa hora" chegou quando meu irmão chamar por mim. O OUTRO decide quando é a minha hora, decide quando e como devo agir.

Mais: o samaritano (cf. Lc 10,29-37), uma parábola saída do mundo interior e do coração de Cristo, nos diz que o nosso caminho é designado, até mudado pela necessidade do outro. O assaltado, o marginalizado exige que o samaritano mude negócios e direção. O caminho novo a ser percorrido é decidido pela necessidade do outro. "Nossa hora" vem quando outro precisar. O que fazer, como e quando fazer, não depende tanto de nossos cálculos, normas e decisões mas da objetiva situação, enfim daquilo que a Bíblia em várias passagens chama o "clamor" do povo.

CENTRALIDADE DO REINO: Reino é "a vitória do poder de Deus sobre a morte, sobre as potestades malignas deste século e a plena integração da criação no plano de Deus" (L. BOFF, Nova Evangelização, Perspectiva dos Oprimidos, Vozes, 1990, pág. 85).

Reino diz a realização de uma sociedade que vive o mundo de Deus e embaixo do seu reinado. É diferente que reine Deus ou Hero-

des, que reine Deus ou o ricoço (cf. Lc 16,19-22). Reino no seu momento intramundano, é centralidade dos últimos, dos órfãos, das viúvas, dos estrangeiros. Reino é se sentir à vontade, em casa, por parte de todos, de maneira particular por parte daqueles que a sociedade marginaliza, ofende, humilha.

Queremos lembrar um fato exemplar: o cego Bartimeu (Mc 10,46-52). A causa de todos os seus males é a cegueira. Daí ele é obrigado a mendigar, a ficar à beira do caminho. Nem Ihe é consentido se revoltar, gritar, implorar. A massa, os chefes, os próprios discípulos mandam-no calar. Muita gente está interessada em manter o homem fora, cego e mendigo.

Cristo é o único sensível ao seu clamor. Só ele pára para escutar e então manda o homem falar, manda-o enxergar e enfim andar com seus pés. O Evangelho diz que o homem, mal recuperou a vista, "seguiu-o pelo caminho".

Penso que a característica própria dos religiosos na AL seja hoje repetir o Cristo: escutar os marginalizados, lhes devolver a palavra, o direito de reclamar e de gritar, descobrir a causa (a cegueira) que origina a sua marginalização e o seu estado de mendicidade e fazer de tudo para que eles andem com seus pés e possam seguir a Cristo no caminho (o caminho para as primeiras comunidades era o seguimento de Cristo, o mundo dele, viver a co-

munhão mais profunda e liberante com Deus e com os irmãos).

Outro fato iluminador é aquele da mulher encurvada (Lc 13,10-17). O chefe da sinagoga se mostra muito cioso da lei, muito mais que da pessoa. Esta deve ser sacrificada às inúmeras regras, que tinham substituído o amor ao irmão. Já Jesus tinha frisado que o sábado foi inventado para o homem e não vice-versa (Mc 2,27). Agora o chefe da sinagoga quer que uma mulher, há dezoito anos gravemente enferma, fique calada, encurvada, sem poder levantar a cabeça. Jesus se indigna com o homem — (“Hipócrita”!) — e manda a mulher se endireitar e levantar a cabeça.

Eis aí o papel dos religiosos de hoje na AL em que o povo é cego, mendigo, à beira do caminho, encurvado, sem poder levantar a cabeça: precisa lhe devolver o direito de falar, de enxergar, de se endireitar, de levantar a cabeça, de andar com seus próprios pés, de fazer o seu caminho atrás de Jesus.

Enfim os religiosos hoje na AL devem se jogar na periferia do mundo, pois lá se encontra a centralidade do Reino.

CENTRALIDADE DA PRÁXIS: Frente a um mundo profundamente conflitivo e frente a nossa incapacidade de mudar a situação é fácil ceder à tentação de criar seguranças e inventar campos privilegiados de salvação e de danação. A tentação é a de logo fazer justiça e queimar aqueles que não são do nosso gru-

po (cf. a parábola do joio, Mt. 13, 24-30; Mc 9,38: — “Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demônios em teu nome, e o impedimos porque não é do nosso grupo”).

Outra tentação é de transferir a responsabilidade nos outros: a responsabilidade do mal nos demônios e nos seus aliados; a responsabilidade do bem e da salvação em Deus, nas revelações, nas aparições, nos milagres. É incalculável o número de fiéis e religiosos que hoje renunciavam a uma ação transformadora da sociedade e recorrem ao mágico, ao mistério. A Revelação perde frente às revelações, o sentimentalismo ganha sobre a fé robusta e dramática, o devocionismo ganha sobre o evangelho, as boas intenções e os pios desejos são muito mais apreciados que uma práxis transformadora do mundo.

Os religiosos devem arregaçar as mangas. Se jogar na lama, entrar nas favelas, comer com os pecadores, não ter medo de escandalizar (cf. João 4,27).

O amor profundo ao Pai, para encontrar o qual Jesus sacrificava noites inteiras, se traduz em amor total ao homem. Não um amor sentimental, mas afetivo e efetivo.

Vejamos dois exemplos: o amor de Barnabé por Paulo e o amor dos quatro amigos pelo paralítico.

Barnabé: Barnabé é um que sabe amar de verdade. Ele é o exemplo do amigo verdadeiro. É ele que apóia

Paulo. Quando o recém-convertido vive o drama da solidão (os fariseus o tratam de traidor, e os cristãos não confiam na sua conversão) Barnabé leva o amigo a Jerusalém e lá consegue que os Apóstolos se façam garantes da liberdade de Paulo junto com os cristãos (ele podia ir e vir livremente! cf. At 9,28). Depois Barnabé vai procurar em Tarso o Paulo que tinha sumido, assume a mesma luta (liberdade das culturas e eleição dos pagãos), enfrenta a mesma missão, a mesma luta, o mesmo martírio, mesmo se devemos relatar com tristeza uma ruptura no relacionamento entre os dois.

Amor de quatro amigos por um paraplégico (Mc 2,1-12): Cristo fica preso em uma casa. A multidão, à procura de milagres, não quer perder a ocasião para assistir ao show. A curiosidade é tamanha que ninguém quer ceder o seu lugar. Quatro homens carregam um paraplégico, mas ninguém se mexe, ninguém deixa entrar. Os quatro poderiam largar. Eles tinham feito tudo o que era possível, só que os outros (a massa) não deixavam se avizinhar a Cristo. Mas eis o milagre de uma verdadeira amizade. Ela não pára frente às dificuldades. Eles inventam de subir sobre o telhado, de abrir um buraco, fazer que o amigo se encontre com Jesus. O milagre, inteiro para a alma e para o corpo, justamente como exige a totalidade do homem, é de Cristo. Mas o primeiro milagre é o da amizade que sobe sobre os telhados e leva a Jesus. É o milagre de uma pequena comunidade de amor, que não brin-

ca, que não pára às boas intenções, mas torna efetivo o encontro com a salvação. É a criatividade como linguagem de amor eficaz, transformador. Boas intenções, sentimentalismo, devocionalismo não são suficientes. É necessário tornar real, concreto o Reino.

Porém não é para se iludir. Mesmo que importantes e até necessários, os milagres não acontecem a cada momento. O milagre é fruto de um grande amor e de uma grande fé. E o milagre que se pede hoje aos religiosos da AL é o de repetir a sua compaixão pelas multidões famintas de Deus, de justiça, de pão. A eles se pede que saibam marcar presença lá onde as outras forças estão ausentes, entre os marginalizados cultura, política e economicamente. Que sejam expressão de uma Igreja viva, não acomodada nem acomodante, que paga de pessoa, em primeira linha se for necessário, os vários empenhos de justiça e de paz.

CONCLUSÃO

A Igreja não nasceu petrificada, imóvel e concluída. Ela é povo em marcha, portanto histórica, em movimento e crescimento. Com cosmovisão e sensibilidade diferente. Encarnada em inúmeras culturas e continuamente desafiada a se identificar e a se posicionar. Cada geração recebe e reinventa, sem deturpar, a Igreja, numa dialética constante de fidelidade e de criatividade. Tem quem se fixa mais a manter e tem quem gosta mais de renovar. Um não exclui o outro, pelo contrário, os dois se enriquecem mu-

tuamente. Não perder nada do que o Espírito já construiu, nem impedir ao Espírito de falar coisas novas. Gregório Magno, Celestino V, Pio IX, João XXIII, Paulo VI amaram imensamente a Igreja. Cada um procurou ser intérprete fiel dela, mas cada um a interpretou de maneira diferente, porém não menos autêntica e não menos enriquecedora. Assim hoje também. De um livro se pede que cada página não seja xerox da outra. O que se pede é que as páginas seguintes não sejam contraditórias, não derrubem as páginas anteriores, mas se pede também que sejam momentos novos, que digam coisas novas, diferentes da primeira página. Caso contrário, o livro inteiro não teria sentido, seria só repetição monótona de uma página só. Os religiosos portanto têm o seu "porquê" de existir, têm a sua história a contar, a sua maneira de mostrar o rosto do Pai único, que cria porém feições tão semelhantes e tão diferentes, capazes de revelar a pertença à mesma raça divina e contemporaneamente uma individualidade única, irrepetível de cada um de nós. Numa Igreja portanto, que se encarna em cada geração e cultura, em tempos e espaços tão diferentes, liderada por pessoas com formação e sensibilidade tão diferentes — pensemos só em João XXIII e João Paulo II, pensemos nos bispos presentes no Concílio Vaticano I e no do Vaticano II, em Medellín e em São Domingos — não é para se esperar um retrato monolítico, monótono, repetitivo de Igreja. Vai ter divergências, até conflitos de pensamentos e posiciona-

mentos. Daí, muitas vezes, ressalvas e desconfianças a respeito de quem expressa outra visão ou se posiciona de forma diferente. Em tal modo a Igreja da totalidade pode ser tentada a se tornar a Igreja da parcialidade e os detentores do poder de turno podem ser tentados a impor a sua visão exclusivista e não integrada.

Antigamente os religiosos foram privilegiados e presenteados de autonomia e jurisdição interna (e às vezes também externa) contra o poder local dos bispos. Hoje a sensação é que mais privilegiados sejam os Movimentos, porque considerados mais confiáveis e de maior docilidade ao poder central. Contra os religiosos, sobretudo da AL, se lançam hoje várias acusações. As principais são duas:

a) Eles seriam defensores de um modelo de Igreja não monárquico-hierárquico (daí a procura de sempre maior autonomia, a acentuação dada à Colegialidade, à Comunhão e Participação, às CEBs, à periferia mais do que à Hierarquia, ao Centro...)

b) Medo portanto de um desconhecimento teórico, ou pelo menos prático, da autoridade pastoral do Papa e dos Bispos (cf. o Doc. preparatório de Santo Domingo, nº 600) com a implantação de uma "pastoral paralela" e de um "magistério paralelo".

Agora o perigo está justamente aqui, que seja desconhecido o papel profético da VR e os religiosos

sejam reduzidos a "agentes de pastoral" em total dependência aos Bispos. Eles valem portanto, sobretudo as irmãs, como "mão-de-obra-barata" a serviço das dioceses.

Precisa então voltar as origens. A VR é um carisma em si, é uma maneira original de viver a vida Cristã.

Ela quer repetir vida, feições missão de Cristo. Com ele, portanto, a VR tem uma função contemplativa (de Deus e do seu mundo) e uma função evangelizadora (LG 25; Puebla 721: a VR é "por si mesma evangelizadora"); enfim deve ser anúncio, testemunho, realizadora de boas notícias:

SEMPRE, até fora dos esquemas formais, burocráticos, pastorais; clericais;

COM SIMPATIA ESPECIAL PE LOS ÚLTIMOS e partindo sempre deles (e hoje estes últimos na AL são negros, índios, a mulher, os meninos de rua, as coisas fracas e precárias, os movimentos operários e populares...);

Em DEFESA DA VIDA contra a cultura de injustiça, de opressão, de morte;

Dentro de uma ECLESIOLOGIA do CONC. VAT. II, de Medellín, de Puebla, da Evangelii Nuntiandi, que nos fala de uma Igreja-Povo de Deus, toda sacerdotal, profética, regal, ministerial, missionária, ao redor de Pedro, reconhecedor, animador e defensor de todos os carismas.

RESUMINDO poderíamos dizer que a VR é o esforço de homens que tentam mergulhar sempre mais em Deus para se empregar dele e manifestar ao mundo as suas feições e o seu estilo de vida. Agora o Deus, no qual os religiosos querem se espelhar, é o Deus de Jesus Cristo, o Deus que é Unidade e Trindade e que produz Encarnação e Pentecostes.

UNIDADE: o nosso Deus, dissemos, é Unidade. Um só Deus. Um princípio só. Daí um só Reino, uma só Igreja, um só Batismo, uma só Eucaristia. É um Deus que não admite concorrentes, que não pode perder a sua identidade: "Eu sou aquele que sou por mim mesmo, não aquele que os outros fabricam ou imaginam". Da mesma forma os religiosos não podem perder a sua identidade, não devem introduzir na sua vida adoçamentos ou mudanças para agradar a quem quer que seja. Os religiosos então devem ficar fiéis ao seu papel profético e ser ciosos daquilo que são, do seu carisma, da sua missão.

TRINDADE: Mas os religiosos não podem parar nesta "identidade-unicidade". Eles devem chegar a ser "Trindade", se tornar comunhão, animadores-feitores de comunhão. Eles não são os "sagrados", os intocáveis, os separados do mundo. No mundo eles são sinais, que ensaiam e antecipam a comunhão total e definitiva. Não só entre eles, como também com os outros religiosos (intercongregacionalidade nos vários níveis), com toda a Igreja e com o mundo inteiro.

ENCARNAÇÃO: Um gravíssimo perigo porém é querer uma Trindade sem Encarnação. Muitos religiosos chegam a acreditar na Trindade, no amor e na comunhão entre eles. Mas não acreditam de verdade na Encarnação. A Trindade revelada por Jesus Cristo não é um grupo fechado, não é amor egoísta, pelo contrário é amor que impele a sair de casa, a sujar as mãos, a entrar na pele do outro. O centro de Deus se torna o homem, o santo e o justo desce e se faz o "pecador", o rico se faz "o pobre". Daí se entende que a inserção não é fuga ou aventura, mas é uma fé profunda numa Trindade em que há Encarnação.

PENTECOSTES: Outro perigo é querer uma Trindade sem Pentecostes, (o Kairós, ou seja o tempo de graça, o envio do Espírito do Pai e do Filho aos homens) aonde se aprende a falar a língua dos outros, a língua de todos, sem privilegiar a língua de ninguém, nem dos hebreus, nem dos romanos e sem excluir a língua dos índios, dos negros, das lavadeiras, dos favelados, dos desempregados, dos aidéticos, dos pivetes, dos meninos de rua. A VR é essencialmente uma Trindade Cristã, que não privilegia portanto o centro. O centro da VR é a periferia. A VR é TRINDADE mas com ENCARNAÇÃO e PENTECOSTES.

Duas perguntas

— *É justo tratar a todos igualmente?*

Do ponto de vista da fé, ou seja, com referência a Deus, somos todos iguais. Estamos no mesmo patamar, no mesmo nível, no mesmo degrau. Deus é o pai, conseqüentemente, somos todos irmãos entre nós. A luz de Deus, portanto, o ideal (inexistente) seria um tratamento de igualdade cristã entre nós. Deus nos trata assim, sem discriminação, nem favoritismo ou parcialidade. O sol nasce para todos. A chuva cai, sem se machucar, em benefício de todos. O ar está à disposição de cada um.

— *Igualdade ou igualitarismo?*

Claro, igualdade. Igualitarismo é corrupção de igualdade. É matriz de iniquidade. Do ponto de vista humano, o igualitarismo é uma visão deformada da igualdade cristã. Consiste em forçar igualando o desigual, desconhecendo as diferenças. Nesta equivalência equívoca se constrói a injustiça por pré-conceito, ou seja, um conceito que antecede o exame, ou o afasta ou impede. A justiça, dar a cada um o que é seu, pode ser flexibilizada, agilizada, aprimorada, adaptando-se às circunstâncias, à realidade, aos tempos, às pessoas. Sobre ser uma norma bíblica dar a cada um segundo as suas necessidades (At 2,45) é também o conceito jurídico da equidade que modera as diferenças e aproxima da igualdade (Pe. Marcos de Lima, SDB).

ESPIRITUALIDADE E DISCERNIMENTO

“Uma característica da espiritualidade atual é ser libertadora. É um absurdo teológico e uma pornografia moral e ecológica andarem a fé e a injustiça de braços dados”.

Pe. J. Ramón de la Cigöña, S.J.
Indaiatuba, SP

I. Elementos fundamentais de compreensão

Falar de espiritualidade e santidade num mundo pós-moderno pode parecer a alguns, anacrônico e até medieval. Pode ser que outros experimentem alguns bloqueios psicológicos (1), lembrando formas estranhas (eremitas, estilitas, etc... heróis quase mitológicos do passado!) de ser e existir que pouco têm a ver com as formas descontínuas e o ritmo entrecortado e acelerado da vida moderna (2). Contudo, e apesar de todos, experimenta-se um despertar espiritual em nosso tempo. um renovado interesse pela autenticidade, interioridade e liberdade não satisfeitas totalmente com o “boom” consumista que nos invade.

O recurso ao ocultismo (magos, quiromântes, astrólogos, médiuns benzedeiros... etc.), a explosão de livros dedicados a temas ocultistas, o interesse pela meditação oriental (ioga, Zen, meditação transcendental...), a presença de “gurus” (hindus e budistas querendo reavivar uma energia cósmica e espiritual que dê um maior sentido à própria vida), fazem-nos perceber que alguma coisa está acontecendo no interior de muitas pessoas... Enfim, a capacidade de movimentação que tem os movimentos religiosos comunitários, pentecostais (protestantes ou católicos), comunidades neo-catecumenais, focolarinos, CEBs, etc... onde se experimenta um grau maior de comunicação e segurança afetiva, parece colocar em

cheque-mate a sociedade uni-dimensional, demasiadamente racionalizada, dominada pela idéia absoluta do progresso, da funcionalidade e do desenvolvimento econômico.

1. *Sua significação*: Espiritualidade vem da palavra "espírito" "ruach", que significa hálito de vida, força que se opõe a tudo o que destrói. "Ser espiritual" significará pois, "viver em plenitude a vida!" (3).

Essa vida pode brotar "de baixo" da terra, como força vital positiva ou vir "de cima" como força transformadora capaz de mudar tudo. A espiritualidade brota, pois, da experiência do Absoluto, defronte aos conflitos e no meio da realidade!. É presença viva do Senhor da história que se apresenta como plenitude de vida, mas ao mesmo tempo também é algo nosso, pois exige uma percepção e, não poucas vezes, uma tomada de posição! O nuclear de toda espiritualidade é Deus e também o próximo (4).

Existem diversas "espiritualidades" pois diversos são os estilos de vida segundo o Espírito. Existem diversos caminhos na busca dos grandes valores da vida, mas podemos afirmar que só sobreviverão aquelas espiritualidades que levem em conta a responsabilidade do homem, atribuam valor à existência material, ao mundo técnico e à história e, pelo contrário, deverão morrer as espiritualidades de evasão, dualistas, incapazes de considerar a dimensão histórica do homem.

2. *Características comuns a toda espiritualidade*:

Toda espiritualidade é "parcial" pois compreende um ponto de vista, mas ao mesmo tempo é "global" pois abarca a totalidade: Deus e o homem. É um processo, um caminhar... Há acertos e erros... E passa sempre pela cruz (lado vertical: união com Deus e com os homens; lado horizontal: conflitos e perseguições com aqueles que não vivem essa comunhão...). A verdadeira espiritualidade passa sempre pela conversão de valores e atitudes... Unifica e consolida a vida, embora esteja sempre permeada de trigo e cizânia. Toda espiritualidade sadia deve mover-se nessa tríplice condição humana:

Indivíduo: sem cair na tentação de estar olhando no próprio umbigo.

Comunidade: sempre mais valorizada a partir do Vaticano II (Compreende: grupos, sínodos, conferências episcopais, conselhos paroquiais... etc.).

Povo: somos membros de uma sociedade, de um povo. "O bem quanto mais universal, mais divino" (S. Inácio de Loyola).

Devemos ir do indivíduo para o grupo e depois para a sociedade para retornar ao grupo e ao indivíduo. Esse pêndulo parece-me essencial para uma sadia vida espiritual. Uma espiritualidade sadia e libertadora deve pois ter em conta o seguinte:

Libertar-se de todo individualismo (práticas piedosas, atos de culto

separados do momento histórico e dirigidos, apenas, para o aperfeiçoamento do indivíduo). Noutras palavras, é preciso fundir culto com vida, interioridade com compromisso social sob pena de cair num narcisismo espiritual. Só assim as nossas celebrações recuperarão o seu sentido perdido.

• Afastar-se de todo tipo de antropologia dualista (alma em detrimento do corpo) e descobrir a função positiva do corpo na vida espiritual e integrá-lo no processo salvífico que acontece nos relacionamentos humanos.

Distanciar-se, cada vez mais, de uma projeção ultraterrena que coloque, exclusivamente, no além a salvação e o reino de Deus.

Evitar todo sobrenaturalismo que anula o elemento humano sob pretexto de fazer triunfar a graça divina. Deus e o homem não são rivais, mas parceiros! "A glória de Deus é o homem vivo!" (S. Irineu). Não tenhamos medo de afirmar: promover o homem e fazê-lo triunfar na vida é sinal de uma autêntica espiritualidade!

2.1. Características da espiritualidade contemporânea.

Apontemos algumas características fundamentais que devem estar como fundo, como chão, e que dão sentido a toda explicitação "espiritual".

2.1.1. Espiritualidade como opção fundamental e horizonte significativo da existência: A espiritualidade

não é monopólio dos cristãos. Ela pertence a todo homem que esteja aberto ao mistério e viva segundo suas verdadeiras dimensões. "Ser religioso significa andar apaixonadamente em busca do sentido da vida e manter-se aberto também às respostas que podem comover-nos profundamente" (5).

Acima da adesão a uma estrutura confessional existe uma espiritualidade que une todos os homens que chegaram a uma opção fundamental de renúncia ao egoísmo e de abertura ao amor. "Diante da opção de fundo não há mais cristãos e não cristãos, crentes e não-crentes; só há pessoas egoístas ou pessoas que sabem tomar uma atitude oblativa" (6). Ter um sentido na vida, ter uma missão a cumprir abre o relacionamento para dimensões muito maiores do que a própria existência. Chegado a esse ponto, muitos fazem aí a experiência do divino.

Podíamos nos perguntar se, toda manifestação da nossa espiritualidade cristã, tem como fundo essa experiência maior de comunicação com o sentido mais profundo da vida. Seria um absurdo ter uma manifestação explicitamente "espiritual-cristã" numa pessoa profundamente egoísta! O espiritual verdadeiro abre o sujeito no seu fundo mais ontológico! Não existe nada mais espiritual do que a vida bem vivida! Daí a importância dos relacionamentos e aberturas do homem consigo mesmo, com os outros para que também o seu encontro com Deus seja também verdadeiro!

2.1.2. Espiritualidade como experiência de Deus: Hoje aprendemos a desconfiar até da própria sombra. Nossa fé não se baseia mais em teorias (por mais perfeitas que elas possam aparecer) mas na razão e sobretudo na experiência pessoal de salvação. "O cristão do futuro ou será "místico", isto é, pessoa que "experimentou" algo, ou não será cristão (7).

É fundamental, para o crente ter uma experiência pessoal de salvação, de comunhão com Deus. Esta experiência pode ser feita de muitos modos: no mundo, a partir do criado chega-se ao criador); no homem, (quando ele penetra no mais profundo de si mesmo ou se encontra com os limites terríveis da sua existência, experimentando o amor humano na sua gratuidade ou praticando fielmente a justiça e a doação); na oração, no ambiente sacro da liturgia... etc.

2.1.3. Espiritualidade como compromisso no mundo: Não é mais necessário fugir do mundo para se encontrar com Deus, nem precisamos deixar de ser homens ou mulheres para sermos cristãos. Pelo contrário, com a criação e muito mais pela encarnação Deus se fez presente lá onde nós estamos e trabalhamos. Não precisamos dar a Deus parte do nosso tempo ou abrir algumas lacunas para nos encontrarmos com ele. A própria ação se converte em ambiente de comunhão, em "meio divino" onde é possível encontrar-se com Deus (8).

Deus se encarnou para se encontrar conosco e nós, muitas vezes,

queremos nos "espiritualizar" para nos encontrar com Ele? Não são momentos o que Deus quer de nós mas é a vida toda que deve agradar a Deus e ser fonte de vitalidade espiritual (9)!

Para chegar a viver nessa dimensão de "encontrar Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus" é imprescindível um tempo e um momento de parada, de encontro pessoal com Deus na oração. A oração se converte, pois, naquele momento de discernimento e intimidade com o Senhor, vivo e ressuscitado, para poder fazer, sempre sua vontade e construir assim o Projeto que Ele sonhou para todos nós!

2.1.4. Espiritualidade libertadora: É um absurdo teológico, uma pornografia moral e ecológica, andarem a fé e a injustiça, de braços dados. Num continente que se diz fundamentalmente cristão não se pode compreender que haja situações históricas de dependência neocolonial, desigualdades gritantes, subdesenvolvimento e exploração. Nossa opção por Deus nos leva a tomar partido em favor dos pobres e dos explorados. Deus, na sua revelação, se mostrou parcial! Ele se coloca em favor daqueles que são marginalizados, oprimidos e abandonados! Esta opção, no cristão, implica dupla tarefa: a denúncia profética das injustiças sociais e a solidariedade com os pobres, a exemplo de Jesus (2 Cor 8,9).

Praxis e espírito são os dois elementos fundamentais que estão na origem do movimento cristão da liberdade e da sua teologia. No início

se falava mais da "praxis" libertadora; agora se está explicitando, cada vez mais, o "espírito" dessa praxis. É daí que nasce a espiritualidade da libertação (10).

Ser cristão na América Latina é um compromisso com a mudança para uma sociedade mais justa e solidária. Nossa fé exige transformações radicais nas estruturas prepotentes que nos rodeiam (11).

O pobre é aquela realidade que melhor expressa a totalidade de Deus e da humanidade. É a partir do pobre é que surge esta espiritualidade que experimenta Deus como um Deus dos pobres; que se encarna no mundo dos pobres; partilhando tudo; dando força para a luta; dando vida.

O seguimento de Jesus passa hoje pelos pobres. Enquanto houver opressão terá que haver uma teologia e uma espiritualidade da libertação. Geralmente temos um conceito "individualista" de pecado. Sem perder a experiência da própria conversão, devemos chegar a experimentar também uma conversão solidária. A conversão pessoal não muda as estruturas sociais. As estruturas sociais são mudadas por um grupo social. O pecado social se vence por uma conversão social e solidária. É uma provocação mútua, uma dialética a experimentada entre a conversão pessoal e a mudança social.

Todos nós sofremos diversas escravidões pessoais, comunitárias e sociais... A libertação é o caminho para sair dessas escravidões. Contu-

do existe uma libertação "de" e outra "para". É possível que muitas vezes não consigamos nos libertar, a nível pessoal, "de" possíveis condicionamentos aderidos à nossa personalidade desde muito cedo. Mas certamente poderemos nos libertar "para" tomar uma posição filial e solidária, participativa e em comunhão, construindo vida apesar (ou mesmo a partir) desses possíveis condicionamentos. Contudo, a nível de grupo é fundamental libertar-se "de" toda opressão e maldade estrutural, geradoras de injustiça e morte.

II. O juniorato

A outra parte da nossa reflexão é o juniorato, essa etapa de formação que se segue ao Noviciado (com uma duração nunca menor do que três anos), e que contém finalidades próprias.

A instrução "orientações sobre a formação nos institutos religiosos da Congregação para os Institutos religiosos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica" (12), ao falar no terceiro capítulo sobre as etapas da formação dos religiosos, no item "c", (formação dos professos temporários) diz que "a formação seja sistemática, adaptada à capacidade dos membros, espiritual, apostólica, doutrinal e ao mesmo tempo prática, com a obtenção de títulos correspondentes, eclesiásticos ou civis, de acordo com a oportunidade. Durante o tempo dessa formação não se confiem aos membros encargos e atividades que venham a impedi-la" (nº 58). Afirma

que o religioso deve "prossequir seu próprio crescimento humano e espiritual" (nº 59). Depois fala "de prover o jovem religioso das condições favoráveis para um crescimento real na entrega ao Senhor" oferecendo-lhe "antes de tudo, uma vigorosa comunidade formadora e a presença de educadores competentes" (nº 6) preferindo "uma comunidade mais numerosa, bem provida de meios de formação e bem acompanhada do que uma comunidade pequena" (nº 60) destaca a "importância da vida comunitária (nº 60). No programa de estudos "deve figurar em lugar importante a teologia bíblica, dogmática, espiritual e pastoral, e, em particular, o aprofundamento doutrinal da vida consagrada e do carisma do instituto" (nº 61) defendendo-se das tentações sempre ameaçantes de um racionalismo crítico, por um lado, do pietismo e do fundamentalismo, por outro" (nº 61). Lembra que "as religiosas e os religiosos não são prioritariamente agentes pastorais, nem no período da formação inicial nem depois" (nº 62). Também afirma que a direção espiritual "não poderá ser substituída por meios psicopedagógicos" (nº 63) e os estudos "serão empreendidos não para alguém realizar-se de modo mal entendido (em benefício próprio) mas para a satisfação das exigências apostólicas da família religiosa, em harmonia com as necessidades da Igreja" (nº 65).

Até aí um resumo do documento referente à etapa do juniorato. Deixamos de lado um estudo mais detalhado, das suas propostas e das suas

consequências. O documento, querendo abarcar o conjunto da vida religiosa, deixa claras algumas coisas ficando outras um pouco mais confusas. No meio daquilo que ele nos recorda, critérios sempre válidos, parece conter uma visão da vida consagrada calcada num modelo monacal, não tendo em conta o contexto gritante e brutal do Terceiro Mundo, onde a vida religiosa está inserida e é chamada a ser presença e sinal de um Deus misericordioso, isto é, com o coração voltado para a miséria!

1. *Tempo de integração:* Durante a formação inicial devemos orientar nossos esforços não para uma espiritualidade "individualística" mas para uma outra comunitária e participativa.

A formação que se pretende deve ser entendida como um processo de integração (humana, espiritual, intelectual e apostólica), corresponsabilidade (diálogo entre formadores e formandos) e discernimento (buscar e concretizar a vontade de Deus, deixando-se conduzir pelo Espírito) para uma missão libertadora. A etapa do juniorato é, por sua natureza, tempo de assimilação, sedimentação, e apropriação de valores. Contudo, freqüentemente e por razões que devem ser melhor avaliadas, aparece mais com um tempo de grandes interrogações, pelas inúmeras desistências nesta fase privilegiada da formação.

2. *Tempo de crise*

Falar do juniorato é referir-se, fundamentalmente a um grupo de

pessoas que giram, quase sempre, entre os 20 e 30 anos de idade. É importante perceber o que acontece nesta fase da vida para não se frustrar com vãs esperanças.

O jovem que ingressa numa instituição religiosa normalmente o faz numa idade cronológica na qual, a experiência do Absoluto está muito unida aos processos inconscientes de identificação ideal, próprios dessa fase. O noviço é, por natureza, um idealista; isto é, vive do ideal. A consciência de si se situa sempre em relação aos valores de perfeição. Apenas existe um conhecimento do "eu real" com suas limitações. Dá-se uma identificação afetiva com o/a mestre/a... É uma relação amorosa-platônica com Jesus. No noviciado, em geral, vive-se num clima de sensações de plenitude e felicidade... (13).

O tempo do juniorato é outro. Nele acontece a crise da auto-imagem. Ela começa com uma sensação crescente e prolongada de insatisfação consigo mesmo. O juniorista constata que, com o passar do tempo, alguns defeitos e limitações não são superados apesar do esforço empenhado. É a decepção entrando por todas as partes de si mesmo! Percebe-se, cada vez mais, o descompasso entre o "eu real" e o "eu ideal". Essa sensação de frustração se traduz em insatisfação, culpabilidade generalizada, incapacidade de aceitar-se, e num certo estado interior de torpor e gasto de energias. É um desgaste tremendo, onde se passa, a maior parte do tempo, em

auto-análises, frequentes para entender melhor o que dentro de si acontece.

A afetividade, a flor de pele, geralmente perde-se nessa confusão da auto-consciência. A oração parece árida. Os relacionamentos interpessoais sofrem com os possíveis envoltimentos, bloqueios ou agressões, sobretudo com as pessoas anteriormente idealizadas. Inicia-se uma busca semi-inconsciente de justificativas e compensações (14). Surge a imagem do outro sexo (homem ou mulher), ainda muito idealizados. Contudo, não convém atrasar esta crise da auto-imagem. Conviria, talvez, até provocá-la, sem forçá-la falsamente (15).

3. Objetivos a serem destacados: Parece-me que podemos destacar os seguintes:

3.1. Assumir mais conscientemente, no processo de integração, os vários aspectos da vida: dimensão espiritual, dimensão comunitária, dimensão acadêmica, dimensão pastoral.

Na experiência espiritual é preciso destacar, como pólo fundante, a experiência de Deus, o "toque de Deus" no decorrer da própria história. Essa experiência de Deus se transformou, um dia, em clareza vocacional. É provável que o/a jovem religioso/a num momento de crise não saiba separar bem o que pode ser um problema de ordem psicológica (depressão, bloqueio afetivo, paixão... etc.) da sua experiência vocacional verdadeira. É fundamental que o/a jovem juniorista tenha

clara sua experiência de ter sido chamado/a pelo Senhor. Ter uma lacuna neste sentido é correr o risco de mancar a vida toda e deixar, para o fim, uma decisão que anteriormente deveria ter sido tomada! Quando se tem uma crise forte costuma-se olhar para trás e perceber o amor primeiro que nos moveu a tomar aquele passo. Se as motivações não foram consistentes, evangélicas e gratuitas, tudo pode, então, acontecer.

3.2. Assumir mais e melhor a própria corresponsabilidade no diálogo (formador/formando) no corpo da congregação ou instituto que o acolhe.

Assim, pois, o estilo do juniorado deve favorecer:

- o crescimento humano;
- o relacionamento interpessoal comunitário;
- o crescimento na própria vocação através de uma maior personalização de convicções e hábitos.

3.3. Perceber a presença de Deus e a sua vontade pela experiência pessoal e comunitária do discernimento das próprias moções e dos sinais dos tempos.

4. *Meios para alcançar esses objetivos:*

4.1. A experiência de Deus

É preciso ter uma experiência espiritual, pessoal, de Deus que se manifesta em Jesus Cristo, fundamento não só da própria vocação como da

mesma vida cristã. Experiência (não só teoria!) do amor pessoal de Deus que se traduz em seguimento de Jesus Cristo no serviço do Reino (16). Experiência espiritual que é abertura e despojamento, fé e solidariedade, abnegação do próprio amor, querer e interesse para chegar a uma verdadeira liberdade interior, na vivência libertadora dos votos.

Para isso é importante:

A oração pessoal e em grupo (17).

A eucaristia (como celebração da presença do ressuscitado no meio de nós), precisa resgatar e assumir mais o carácter de gratuidade (festa, dança, canto, ritmo... etc.), em sintonia com o modo de expressar a fé dos pequenos e empobrecidos, sinal concreto da presença do Reino de Deus.

A partilha fraterna (do que se é e se tem, mesmo do lazer) que facilita o relacionamento descontraído e espontâneo.

O acompanhamento pessoal, confrontando a própria experiência com um orientador.

Os exercícios espirituais como caminho interior de encontro consigo mesmo, com os outros e com Deus, são lugares privilegiados, mas não exclusivos, da experiência de Deus.

Experiência comunitária, acolhendo o outro na sua diversidade pessoal e cultural.

Experiência de liberdade doada sobretudo aos mais pequenos. A experiência da gratuidade do amor de

Deus é o pressuposto para a aceitação do mistério da vida. A percepção e aceitação das limitações pessoais e dos outros e mesmo das instituições (Igreja, Congregação... etc.) fazem parte da experiência fundamental de Deus. O conflito, como conseqüência do seguimento radical de Jesus, em vez de ser causa de desânimo e desistência serve para fazer-nos crescer, mais e mais, na fidelidade e num serviço cada vez mais gratuito.

Valor da veracidade como possibilidade de ir superando as possíveis ambigüidades.

Atitudes teologais (fé, esperança e caridade) como geradoras de vida. Deixar-se enriquecer com as experiências dos irmãos, especialmente dos pobres (18).

5. Uma palavra final:

A "espiritualidade" assim entendida surge como "o eixo integrador das diferentes dimensões do processo formativo" e pouco tem a ver com formas repetitivas e ocas que não carregam vida. A vida espiritual se funda, pois, sobre uma experiência pessoal de encontro com um Deus que chama e que envia para libertar

o seu povo. A vida consagrada é pela sua essência, fundamentalmente livre e profética e não tem outro compromisso do que se deixar guiar pelos caminhos que o espírito a leva. As estruturas externas, tantas vezes sufocantes, apenas são um corpo para que o Espírito de Deus possa se concretizar e encarnar.

É preciso que cada um carregue consigo uma palavra-vida que nos cristianize. No início da vida religiosa, quando os eremitas no deserto se aproximavam do eremita mais velho e santo (do Abbas!), lhe pediam uma palavra-vida, uma frase do Evangelho, que fosse a força-motriz de toda sua existência. Essa palavra vida ("consigna", lema, slogan... etc.) era o modo próprio que aquela pessoa tinha de confrontar sua vida, com um parâmetro objetivo e evangélico, e assim cristianizá-la.

Essa palavra-vida, hoje, nós é dada interiormente por Deus. Ela nos capacita evangélicamente e nos faz andar sempre para frente e para o alto concretizando já, de algum modo, um novo homem, uma nova mulher, um novo modo de ser da vida consagrada com um rosto menos importado e mais latino-americano.

NOTAS

(1) Os jovens religiosos participantes do 1º Encontro Nacional sobre o Juniorato confirmaram também esta visão. Quando foram convidados a escolher os temas do seu interesse, priorizaram outros (afetividade, sexualidade e vida comunitária, inserção... etc.) como mais atraentes do que este da espiri-

tualidade. Parece que se identificava a espiritualidade com formas mais ou menos obsoletas de oração e atos de piedade, o que ocasionava uma certa rejeição. (2) Eudokimov, P.: L'età della vita spirituale. Il Mulino, Bologna, 1969, 6. (3) Os junioristas participantes do encontro sobre o juniorato assim defi-

niram a espiritualidade: "É a raiz da vida, força que se opõe a tudo o que destrói, fundamento da nossa consagração; é viver em profundidade a experiência de Deus vivo e atuante na história. É vida segundo o Espírito, eixo integrador da nossa vida". (4) Algumas pessoas pensam que a experiência de Deus se faz sempre e só em si mesmo. Isto também é possível mas, a maioria das vezes essa experiência é mediatizada. Nosso Deus é um Deus escondido e "disfarçado". Um dia me contaram a seguinte história: "Imagina três montanhas, uma detrás da outra e a terceira maior que a segunda e do que a primeira... A primeira montanha é você, a segunda é o outro, a terceira Deus. Se você quer chegar à terceira montanha deve passar rápido pela primeira e pela segunda. E assim o fiz! Nunca cheguei a Deus! Outro mestre me disse: Você busca Deus? Você vê três montanhas no seu horizonte?... A terceira não existe, ela é uma miragem!... Se quer encontrar Deus você deve mergulhar em profundidade na primeira montanha e/ou na segunda... Se assim o fizer verá que a terceira montanha surgirá, de repente, dentro da primeira ou da segunda. Assim o fiz! Encontrei Deus dentro daquilo que eu estava vivendo!". Quando os relacionamentos consigo mesmo ou com os outros são transparentes, gratuitos e libertadores pode acontecer uma verdadeira experiência de Deus. (5) Tillich, P.: *La dimensioe oublíee*. Desclée, Bruxelas, 1969, 49. (6) Rossi, I.: *Opción fundamental*, em DTI, III. (7) Rahner, K.: *Espiritualidad antigua y actual*, 25. (8) Teilhar de Chardin. *O meio divino*. (9) *Dicionário de espiritualidade*. Paulinas, 1989, 340-357. (10) Jaén, Nestor. *Hacia una espiritualidad de la liberación*. *Sal Terrae*, nº 87, 11. (11) Os junioristas assim se exoressaram no 1º Encontro Nacional sobre o juniorato: "Espiritualidade na América Latina: é a encarnação da Palavra de Deus na realidade conflictiva do nosso povo que leva a uma transformação respeitando

o diferente, o pluralismo das culturas: É uma indignação ética diante da não-vida é que leva à partilha". (12) Congregação para os Institutos religiosos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: *Orientações sobre a formação nos institutos religiosos* 2 de fevereiro de 1990. Loyola, Col. Doc. Pontifícios, 1990. (13) *Oração afetiva, gratificante... Amor generoso para com todos... O jovem religioso encontra-se na plenitude de sua gratuidade, capacitando-o para superar (ou reprimir) todo anseio negativo. (14) Vontade de viver e experimentar etapas anteriores não elaboradas positivamente... Racionalizações que justificam o abandono da oração pelo ativismo... Dificuldades afetivas na vida comunitária... Ansiedade no comer, no fumar, na curiosidade sexual... Rejeição de práticas de piedade por parecerem ritualistas e não transformadoras... etc. (15) Ver o excelente livro: *Grandezas y misérias del celibato católico*, 126-133. (16) O juniorista propõe "acolher com fé os toques de Deus em nossa vida pessoal, valorizando a gratuidade e o amor que se estendem na vida comunitária e na missão junto ao povo". (17) *Oração ligada à vida e não como fuga da realidade. Olhar para fora de próprio "eu", como um nadador que, de vez em quando, levanta a cabeça para respirar e ver se o seu rumo está certo. Os junioristas nas suas propostas finais diziam: É preciso "criar condições para um espaço diário de oração pessoal, cultivando nossa intimidade com a Trindade"... Mas também "saber valorizar, dinamizar e relativizar as formas de oração tanto tradicionais como novas, criando convicções profundas, unindo oração-vida, contemplação-ação, consagração-missão". Onde parece "que está" Deus, provavelmente Ele não está e onde parece "não estar" provavelmente Ele está. (18) Cfr. *Diretrizes da formação da Companhia de Jesus no Brasil*, Ed. Loyola. Col. Ignatiana, nº 34, (1989).**

CONSAGRAÇÃO, VOTOS — MISSÃO

*“Partindo da experiência do amor gratuito de Deus —
Comunhão, vivida no dia-a-dia, queremos acolhê-Lo como
Único Absoluto, que nos envia a ser
instrumentos de comunhão-libertação no meio do povo”.*

Pe. Germano van der Meer, SVD
Vargem Grande Paulista, SP

O histórico encontro nacional sobre o juniorato em Cachoeira do Campo (MG) foi valorizado pelos participantes, acima de tudo, como uma grande experiência de vida, uma alegre celebração da presença providencial dos jovens religiosos nas Congregações, na Igreja e na sociedade. Foi este caráter “experimencial” que eu senti profundamente presente em nosso seminário sobre “Consagração, Votos e Missão” com seus 44 participantes, entre junioristas, formadores e assessores.

Já na primeira manhã (depois da tarde anterior das apresentações) tomamos consciência que o nosso seminário deveria partir “honestamente” da situação real de “vida consagrada em vista da missão” deste grupo concreto, representativo sem dúvida, mas formado por pes-

soas concretas, cada uma com sua própria realidade de pessoa consagrada, caracterizada por sentimentos de serenidade ou talvez permeada também de certas angústias. Depois de um tempo de reflexão pessoal fizemos um momento de profunda comunhão em pequenos grupos, onde cada um se sentia totalmente acolhido e amado na sua própria realidade, fosse ela qual fosse. Na oração conclusiva daquela manhã, em ambiente de plenário, alguém disse: “Sinto que Cristo, o consagrado por excelência, está presente entre nós”; e uma juniorista: “A comunhão que experimentamos, com grande abertura e liberdade, foi um momento do Reino de Deus em nosso meio”; e um outro ainda: “Somente por esta manhã já valeu a pena ter vindo”. Frei Clodovis Boff — assessor geral do encontro —, que com a

sua discrição "Servita" passou conosco aquelas horas, me disse logo em seguida no corredor: "Percebi a presença de uma 'mística' no meio destes jovens". Esta atmosfera de profunda comunhão nos acompanhou durante todo o seminário.

Creio que este tipo de início do nosso encontro foi importante para determinar logo o "estilo" do seminário: um aprofundamento do tema "Consagração e Votos em vista da Missão" no hoje da história, não tanto como elaboração teórica, pura e simples, mas muito mais como fruto de uma experiência de confronto existencial entre jovens religiosos, certamente em vista de conclusões válidas para toda a realidade dos junioristas no Brasil. A busca de uma "vida" religiosa autêntica me impressionou nestes jovens religiosos. Nos quinze anos de experiência como orientador no juniorato intercongregacional de preparação aos votos perpétuos na CRB em São Paulo, senti constantemente esta mesma tendência: em muitos/as junioristas existe uma certa angústia porque, se por um lado querem entregar sua vida de um modo definitivo a Deus e aos irmãos, por outro lado se sentem frágeis e necessitados de um ambiente de vida religiosa mais familiar e fraterno que nem sempre encontram nas comunidades.

Havia em nosso seminário algumas junioristas que vinham de uma experiência bem concreta de inserção no meio dos pobres, especialmente no norte do país. E foram justamente estas que sentiam a necessidade de um seminário que che-

gasse a tocar as raízes da experiência da vida religiosa.

No meio de tudo isso tive a seguinte impressão. O Concílio Vaticano II convocou os religiosos para uma grande revisão de vida que implica uma mudança de mentalidade, uma autêntica conversão. Uma resposta imediata a esta convocação foram sem dúvida os tantos capítulos provinciais e gerais que deram como fruto as novas constituições, que sentimos mais correspondentes à inspiração original da congregação e às exigências do momento histórico. Mas não podemos esquecer que, na experiência dos fundadores, a "vida" foi sempre anterior aos estatutos, à Regra. As constituições só têm sentido enquanto expressão de uma vida e levam a uma vida sempre mais comprometida.

Ao mesmo tempo, houve em muitas congregações a descoberta de uma nova dimensão da missão: a vida religiosa inserida no meio dos sofredores e empobrecidos. É uma experiência privilegiada — não exclusiva — de "encarnação kenótica" como expressão do seguimento do próprio Cristo que assumiu a história concreta de um lugar e de um povo com suas alegrias e dores, para transformá-la a partir de dentro, por meio desta presença de gratuidade divina. Temos a convicção que esta presença solidária dos religiosos junto aos que sofrem, assumida na gratuidade do amor de Deus, contém uma voz profética: anunciar o plano do Pai que é fazer todos "irmãos"; denunciar com a vida o egoísmo feito estrutura injusta; e ser

uma força transformadora a caminho de uma sociedade mais fraterna e justa.

Sem dúvida, o momento que estamos vivendo na vida religiosa é marcado por grande generosidade e opções corajosas. Ao mesmo tempo, há expressões de crise, com freqüentes desistências, muitas vezes entre junioristas e religiosos mais novos, depois de poucos anos de votos perpétuos ou de ordenação sacerdotal.

A seriedade e a busca sincera de uma vida autêntica com que os junioristas — no meio de um clima festivo de todo o encontro — assumiram o seminário sobre “Consagração, Votos e Missão” e também os outros seminários, nos levam a uma conclusão. A vida religiosa é como uma grande árvore, com ramos e folhas os mais diversos. Existe a tentação de darmos uma atenção maior aos ramos e às folhas — expressões externas — e de esquecermos que a fecundidade da árvore depende em grande parte da saúde da raiz, escondida no silêncio da terra. Particularmente num tempo de mudança e de crise — que seria como uma experiência de “inverno”, permitido pelo Pai — a árvore passa por momentos de desnudamento e o “novo” que deve nascer dependerá em grande parte da saúde e da força da raiz. Os junioristas reforçaram a convicção de que chegou a hora de dedicarmos um cuidado particular à raiz evangélica da vida religiosa.

Partindo desta convicção, gostaria de elaborar um comentário em maior profundidade sobre as conclusões às quais chegaram os participantes do seminário sobre “Consagração, Votos e Missão”. Antes, ainda uma observação: uma vez que havia outros dois seminários, ligados diretamente ao tema da “Missão” (“Estudo-Trabalho-Pastoral” e “Inserção-Inculturação”), o nosso seminário se concentrou mais na realidade da “Consagração” — sempre em vista da “Missão” — com algumas referências aos votos.

As conclusões do seminário começam com um enunciado “de princípio”, na linha do “ser”: “Partindo da experiência do amor gratuito de Deus-Comunhão, vivida no dia-a-dia, queremos acolhê-Lo como Único Absoluto, que nos envia a ser instrumentos de comunhão-libertação no meio do povo.” Daí seguem outras conclusões na dimensão do “seguimento”.

Como sabemos, a vida religiosa é, antes de mais nada, um novo modo de “ser”, que por sua vez terá seu transbordamento num novo estilo de “agir”. Diante da constatação geral de um certo “ativismo” entre os religiosos, gostaria de aprofundar alguns pontos na linha do “ser”, contidos na conclusão acima citada.

EXPERIÊNCIA: SAIR DE SI

1. “Partindo da experiência...” Nesta hora lembro-me de uma explicação da palavra “experiência” que nos serve de ajuda: “Experiência é a ciência do conhecimento

(ciência) que o homem adquire quando sai de si mesmo (ex) e estuda o mundo por todos os lados (peri). (...) 'Ex', exprime uma característica fundamental do homem como ex-istência. Ele é um ser que ex-iste voltado para fora (ex), em diálogo e em comunhão com o outro e o mundo" (Experimantar Deus hoje — AA.VV. — Vozes, pág. 135 ss.). Aqui estamos diante de um desafio característico da vida cristã e religiosa, especialmente em tempos de crise e de certas tensões. Poder fazer experiências supõe a capacidade de sair de si, a possibilidade de renascer continuamente (em nível psicológico, social, espiritual, etc.) e de ir constantemente ao encontro do irmão e da comunidade, particularmente ao encontro da humanidade sofredora, seguindo a opção preferencial de Jesus. Creio que aqui aparece um critério fundamental no processo formativo: ver e desenvolver as condições de viver em "ritmo de experiência". O religioso seria uma pessoa humana, vivendo de "saída" em "saída", seguindo Jesus, o especialista em sair de si ao encontro do outro.

GRATUIDADE E EFICÁCIA NA HISTÓRIA

"Partindo da experiência do amor gratuito de Deus-Comunhão, vivida no dia-a-dia..." Nestas palavras aparece um outro ponto-chave na conclusão do nosso seminário. Escreve Gustavo Gutiérrez no seu livro "Beber no próprio poço" — (Vozes): "Porém, fomos compreendendo, também, que o encontro ple-

no e verdadeiro com o irmão exige que passemos pela experiência da gratuidade do amor de Deus. Assim, desprendidos de nós mesmos, chegamos ao outro libertos de toda tendência de impormos uma vontade que lhe seja alheia, respeitosos de sua própria personalidade, de suas necessidades e de suas aspirações. (...) A experiência da gratuidade não é uma evasão, mas, sim, o lugar no qual vive a realidade que envolve e banha nosso empenho em sermos eficazes na história. Eficácia perseguida, sempre mais ardorosamente, por aquilo mesmo que nos é revelado pela gratuidade do amor de Deus: sua preferência pelo pobre" (pág. 125. 126).

Portanto, sem a presença desta gratuidade, característica do amor de Deus, não podemos imaginar um serviço eficaz na história, tanto na transformação das pessoas no processo formativo, como também na realização de mudanças estruturais que desejamos na congregação, na Igreja e na sociedade. De fato, o Verbo de Deus assumiu na gratuidade a humanidade em tudo, menos no pecado, para assim poder transformá-la a partir de dentro (cf. Evangelii Nuntiandi, 18, e Puebla. 279). A gratuidade, longe de ser uma expressão de passividade, é uma forma de não-violência que contém uma denúncia no seu modo de ser e que sustenta a denúncia formal, verbal. Em termos de formação, a gratuidade cria o clima para poder dizer a verdade ao formando; a verdade que tanto liberta

quando é doada por amor, por este amor de gratuidade que não pensa em "retorno" nem em "segundas intenções". Nos doze anos de serviço no noviciado de minha congregação, esta foi uma realidade que toquei muitas vezes com as próprias mãos. Também em diversos cursos que pude orientar no CETESP percebi que os participantes (superiores e formadores) consideravam esta gratuidade um elemento constitutivo do "novo" que está nascendo na vida religiosa e que os junioristas em Cachoeira do Campo intuitivamente tanto celebraram.

Naturalmente, se alguém quer ser instrumento para comunicar esta gratuidade transformadora, ele mesmo deve ser sobretudo "filho" desta mesma gratuidade. Só consegue amar quem passou pela experiência de ser amado. Igualmente, só aquele que está caminhando num processo de integração da própria história na luz do amor gratuito de Deus, pode ser uma presença desta gratuidade em contatos pessoais e no meio das comunidades. Aqui encontramos de novo um ponto-chave em qualquer processo formativo, tanto na formação inicial como na permanente.

A experiência da gratuidade do amor de Deus faz com que nossa presença carismática de religiosos seja de fato uma autêntica "promoção humana", permitindo ao irmão — particularmente ao pobre e marginalizado — e às comunidades serem sujeitos de sua própria história, evitando com isso toda e qualquer forma de dominação ou abuso de poder na caminhada junto

ao povo. Ao mesmo tempo, a experiência da gratuidade de Deus-Amor nos dá a graça de sermos uma presença de esperança, no meio de tantas situações penosas e de dolorosos conflitos onde a morte parece ter a última palavra.

DEUS-COMUNHÃO: A VIVÊNCIA DO "EU EM TI"

3. Um outro ponto relevante na conclusão do nosso seminário é que a descoberta do dom da gratuidade vem como fruto da experiência de *Deus-Comunhão*, do Deus-Trindade. "Adorar a Deus" não é o específico do cristão, pois tantos membros das grandes religiões fazem o mesmo. O distintivo do cristão é que ele adora o Deus que Jesus de Nazaré nos revelou; e este Deus é comunhão, é relação vivida no amor recíproco. E nós fomos criados à imagem e semelhança deste Deus. Ontologicamente falando, só seremos realizados se vivemos "em relação". Por isso, não se pode imaginar uma dinâmica em direção à libertação integral do homem e de todos os homens sem a opção corajosa por uma vida de comunhão. É na comunhão trinitária — expressão vital do próprio Deus — que nasce e acontece a autêntica libertação. Mesmo em meio a tensões existentes, a Igreja quer atuar sua identidade de ser "povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (*Lumen Gentium*, 4) anunciando assim de um modo encarnado a vida da Trindade na história da humanidade.

Na véspera de sua morte, Jesus rezou ao Pai pelos seus: "Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti... para que o mundo creia" (Jo 17,21). O modelo da nossa convivência vem de Deus: "como tu em mim, e eu em ti". Na Trindade cada pessoa vive "fora de si"; cada um vive no outro; cada um se perde no outro; cada um vive o "Ele deve crescer, eu diminuir" (Jo 3,30). E isso não por complexo de inferioridade, mas por amor. Neste inter-relacionamento oblato na Trindade nasce continuamente o Espírito Santo: luz, verdade, consolação. Da nossa parte, encontramos neste "eu em ti" o modo trinitário do "viver inserido" (que por sua vez pode se realizar em formas concretas de inserção): "Eu em ti"... irmão, comunidade, superior, povo sofrido, paróquia, humanidade etc. Somente uma comunidade, baseada na vivência concreta deste "eu em ti", poderá pretender ser uma frágil imagem do Deus, Uno e Trino. Por exemplo, no campo da formação para a vida religiosa, a experiência nos mostra que o segredo de uma autêntica educação se encontra na vivência concreta da comunhão trinitária, onde nasce, em cada um e entre todos, o "homem novo", Jesus, o religioso por excelência. Igualmente, na pastoral paroquial estamos constatando — através de experiências concretas — que numa paróquia ou comunidade de estilo "trinitário" os pobres começam a tomar consciência da sua dignidade como pessoas e filhos de Deus, com direitos e deveres inalienáveis. E

também os mais abastados começam a ser tocados por esta realidade e aos poucos vão percebendo o apelo de Deus no sentido de pôr os seus bens em comum.

Naturalmente, não é possível imaginar a vida trinitária sem formas concretas de um tipo de "comunhão de bens", espirituais e materiais. "Tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu é meu" (Jo 17,10). Na vivência do "eu em ti" começa a nascer uma vida de comunhão. Os cristãos tinham tudo em comum; por isso não havia indigentes entre eles. Nesta comunhão trinitária — no plano espiritual que antecede o material — são colocados em comum os acontecimentos positivos, mas também os conflitos, as crises, problemas de afetividade, desilusões e eventuais frustrações. Muitos religiosos e religiosas não precisariam de um acompanhamento de fora, se houvesse na comunidade uma prática de comunhão trinitária. Tenho a certeza que vários religiosos e religiosas não teriam deixado a vida religiosa, se tivessem tido a oportunidade de colocar em comum suas dúvidas, suas angústias, seus erros também, num clima de escuta mútua sem a ameaça de ser julgado ou analisado. Mais uma vez, em constante contato com junioristas, posso afirmar que tantos e tantas sentem falta desta vida de família sobrenatural onde Cristo se faz presente.

Evidentemente, a vivência concreta deste "eu em ti" exige uma renúncia constante, que só se en-

tende na dinâmica do amor. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Jo 15,13). Esta palavra de Jesus vale não só para os mártires, mas para cada discípulo. Amar de verdade é dar a vida pelo outro, é morrer pelo outro. Vemos com isso que o Mistério Pascal — "Passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (1 Jo 3,14) — nasce na própria Trindade. O Verbo, feito homem em Jesus de Nazaré, levou este Mistério até as últimas conseqüências, "fazendo-se um" na cruz com os mais abandonados da humanidade. E no momento culminante da sua dor, quando se sentiu abandonado pelo Pai, viveu o seu "eu em ti" de um modo divinamente radical, lançando-se nos braços do Pai por puro amor e numa fé sem limites. Naquela hora o divino irrompeu no humano. E Deus o ressuscitou. Quanto mais radicalmente o "eu em ti" é vivido entre os homens, tanto mais Deus pode realizar coisas humanamente impossíveis.

O seguimento deste Jesus, abandonado pelo céu e pela terra para unir Deus com os homens e os homens entre si, nos introduz no segredo de sermos instrumentos de comunhão nas congregações, na Igreja e entre os homens, particularmente em momentos de tensão que podem ameaçar aquela unidade pedida por Jesus ao Pai. Portanto, os religiosos devem estar prontos a dar a vida para favorecer e, conforme o caso, salvar o diálogo na própria congregação e na Igreja.

No entanto, não podemos negar que esta opção pela prática da "comunhão trinitária" significa para muitos um desafio enorme, exigindo um verdadeiro "êxodo", um corte radical com um sistema individualista que, com intensidades diversas, influenciou e continua ainda influenciando a vida de muitas comunidades religiosas e a própria vida eclesial.

NO ÚNICO ABSOLUTO: "LIVRES PARA SERVIR"

4. Continuando este comentário sobre as conclusões do nosso seminário, chegamos agora a um ponto relacionado diretamente com o compromisso da consagração: "Partindo da experiência do amor gratuito de Deus-Comunhão, vivida no dia-a-dia, *queremos acolhê-Lo como Único Absoluto*, que nos envia a ser instrumentos de comunhão-libertação no meio do povo."

Com esta escolha decidida de Deus-Comunhão como Único Absoluto — proposta pelos junioristas — os religiosos são desafiados a viver de uma maneira nova sua consagração no seguimento de Jesus.

Deus é o Único Absoluto capaz de nos fazer totalmente livres. E para sermos fecundos na missão libertadora que a Igreja nos propõe neste continente, temos que assumir seriamente nossa libertação pessoal e comunitária.

Hoje em dia, a realidade de tensões e conflitos faz parte da vida, por causa de um confronto mais

direto com o sistema injusto e também por motivo da fragilidade humana, experimentada na própria Igreja e nas congregações. Por isso, mais do que em outros tempos, o religioso deve ser uma pessoa "unificada". Em outras palavras, o religioso deve assumir um processo formativo que o leve a viver sempre mais em função de um "núcleo" interior, claro e decidido. E no plano espiritual — naturalmente em íntima conexão com o nível psicológico — este núcleo só pode ser Deus, e Deus-Amor; o único que "por direito" é absoluto, é Senhor. "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento" (Mt 22, 37). Jesus declara o segundo mandamento igual ao primeiro, mas o primeiro continua sendo o primeiro! Hoje em dia ocorrem situações em que o religioso só fica em pé porque a casa de sua vida religiosa está construída sobre a rocha. São tantas as ocasiões que podem gerar um tipo de crise: um confrade/coirmã de confiança ou um religioso "importante" deixa a vida religiosa; uma transferência com implicações injustas talvez; a caminhada da congregação mais lenta do que você gostaria; certas frustrações no campo da pastoral ou na formação etc. etc. Nestas horas se sente quem é que pisa em chão firme. São momentos de dor, sem dúvida mas quem está "radicado em Deus", continua a caminhar.

Neste momento da história a Igreja precisa de religiosos realmente livres, que fazem de Deus-Comu-

nhão seu Único Absoluto, e que por isso são inteiramente disponíveis, também para tarefas delicadas e empenhos de responsabilidade. São estes religiosos, livres e disponíveis, que farão acontecer o "novo" que os junioristas em Cachoeira do Campo tanto desejaram.

Finalmente, devemos estar atentos aos ídolos — pessoais e coletivos — que ameaçam ocupar o lugar de Deus e que por isso levam inevitavelmente a formas de dominação e escravidão. Diz o documento de Puebla: "Nada é divino e adorável fora de Deus. (...) O próprio Deus é a fonte de liberdade radical de todas as formas de idolatria. (...) Eis a palavra libertadora por excelência: Ao Senhor adorarás, e só a Ele prestarás culto" (491). Falta ainda lembrar que até as coisas mais santas podem se tornar ídolos. Só para ver um exemplo: o próprio sacerdócio ministerial pode ocupar o lugar de Deus e com isso desembocar em formas de "poder". Pelo contrário, a experiência da gratuidade do amor de Deus e a consagração a Ele abrem o coração do sacerdote para perceber que o seu ministério não é algo absoluto, mesmo sendo uma vocação sublime porque segue as pegadas de Cristo, o "Servo da humanidade". Nunca esqueçamos que o único valor "final" é Deus, e Ele é amor (cf. Mt 25). Sabemos muito bem: não se entra no céu apenas pelo fato de ser religioso, padre ou bispo e, sim, porque se amou. A hierarquia e os sacramentos passam. Mas o amor entra na eterni-

dade. É isso que as religiosas e os Irmãos leigos podem exprimir radicalmente, sem correr o perigo de cair em ambigüidades. Aqui se toca o carisma próprio do "ser" religioso.

SER INSTRUMENTOS DE COMUNHÃO-LIBERTAÇÃO

5. É este Deus-Comunhão, recolhido como Único Absoluto, feito homem em Jesus de Nazaré, "que nos envia a ser instrumentos de comunhão-libertação no meio do povo". Durante o encontro nacional sobre o juniorato partimos do pressuposto que os cinco seminários formariam um grande conjunto: cada um ligado aos outros, e todos juntos completando-se mutuamente. Como já disse no início do artigo, em vista desta mútua complementação temos dado mais espaço à realidade da "Consagração", como fundamento e ponto de partida para o "envio", assim como o "sim" de Maria a levou a "ir apressadamente a uma cidade de Judá" a fim de ajudar a sua prima Isabel. Portanto, "Consagração" e "Missão" são realidades inseparáveis na prática.

Neste contexto, faço questão de transcrever aqui os pontos concretos de compromisso, formulados pelos próprios junioristas, que exprimem esta realidade de "Consagração-Missão".

— Seguir Jesus Cristo nos seus gestos e atitudes concretas segundo os diversos carismas, fazendo nossa a sua paixão pelos pobres e marginalizados;

— Cultivar a intimidade com Deus através de uma vida de oração ligada profundamente à realidade do povo;

— Confrontar a vida com a Palavra de Deus;

— Ser uma presença jovem de esperança e de alegria;

— Acolher e valorizar a participação do povo no processo formativo;

— Resgatar e valorizar a participação da mulher no processo de libertação, a exemplo de Maria.

OS VOTOS

Depois do comentário bastante elaborado sobre a conclusão "concentrada" do nosso seminário, resta ainda dizer alguma palavra sobre os votos.

Os junioristas, nas conclusões do seminário, colocaram algumas observações significativas, mesmo não sendo completas, sobre os votos. Quero relatá-las aqui resumidamente, por meio de palavras-chaves:

— Quanto à castidade consagrada: amor gratuito que liberta; fecundidade espiritual; respeitar a pessoa; ajuda do povo na vivência da castidade; amizades sadias; partilha de experiências.

— Quanto à pobreza evangélica: pobreza interior; consciência da própria fragilidade; necessidade de mudanças estruturais nas congregações com respeito a este voto; redimen-

sionar obras em vista deste "voto de partilha"; ser semente de transformação a partir de pequenos gestos; apoiar comunidades inseridas; solidariedade.

— Quanto à obediência apostólica: escutar os apelos de Deus... em nós, na comunidade, no povo; diálogo; discernimento pessoal e comunitário; tarefa do superior/formador de servir e decidir.

Sem repetir os conteúdos conhecidos sobre os votos (cf. por exemplo: Documento "Orientações sobre a Formação nos Institutos Religiosos", 11 a 16), gostaria de fazer algumas breves observações que me parecem novas.

Creio que, aprofundando as raízes evangélicas da "consagração", estamos também atingindo as raízes dos Conselhos Evangélicos. Portanto, na consagração, entendida em profundidade, os votos estão presentes. Não é possível viver a escolha radical de Deus-Comunhão sem atitudes concretas de castidade, pobreza e obediência. Somente como expressão do amor de Deus, encarnado no meio dos homens, os Conselhos Evangélicos ganham o seu sentido. Fora disso os votos se tornam caricaturas que não dignificam o religioso, nem como pessoa humana nem como filho de Deus (cf. 1 Cor 13,1-3), e também não colaboram para a construção do Reino. No momento em que os votos perdem o contato com sua raiz, o amor de gratuidade, o religioso começa a entrar em crise, porque a conseqüente ausência de fecundidade es-

piritual o deixa frustrado. A realidade do "eu em ti", apresentado anteriormente, nos mostra que a castidade, a pobreza e a obediência encontram sua fonte no próprio Deus. Deus é comunhão, porque é infinitamente casto, pobre e obediente. A experiência nos revela que, sem alguma forma de castidade, o relacionamento entre as pessoas está sujeito a expressões de dominação ou de instrumentalização; que, sem um mínimo de pobreza evangélica, a comunhão de bens fica na teoria; e se não houver um desejo de obedecer ao irmão, o relacionamento mútuo não se tornará expressão concreta do amor trinitário. Contudo, o religioso se compromete de viver os Conselhos Evangélicos, não na dimensão do "mínimo necessário", mas, sim, de um modo radical.

Não podemos negar que estamos vivendo numa época que se poderia chamar "o século do social". A humanidade espera ansiosamente pela "civilização trinitária", onde a última palavra não estará mais com o "ter", o "prazer" e o "poder". Neste contexto devemos ver também os votos na vida religiosa. Assim como o Evangelho contém em si a semente de uma autêntica revolução — a "magna carta" para o nascimento dos "novos céus e novas terras" — assim também os três Conselhos Evangélicos não são apenas "virtudes individuais" e sim atitudes concretas do Verbo de Deus, feito homem em Jesus de Nazaré, que veio para transformar a humanidade a partir de dentro.

Portanto, os votos têm uma dimensão transformadora no triplice nível de relacionamento:

— No relacionamento com as coisas, o voto da pobreza evangélica nos coloca em condições de entrar na vivência concreta da “comunhão de bens”, que constitui uma grande resposta evangélica ao problema do “empobrecimento”. De fato: no Brasil não faltam bens; falta, sim, “comunhão de bens”! E os religiosos seriam — e já são em parte — os primeiros a dar este passo estrutural num novo estilo de vida verdadeiramente “partilhada” para dentro e para fora.

— No relacionamento com as pessoas (homem-mulher, etc.), o voto da castidade evangélica nos leva a ter contatos interpessoais que permitem respeitar radicalmente pessoas e comunidades, para que possam ser de verdade sujeitos de seu próprio processo formativo, sem serem usadas ou manipuladas, como acontece tanto num sistema machista hedonista. O religioso verdadeiramente casto torna-se como que um canal límpido, através do qual o amor libertador de Deus pode chegar desimpedido àquela pessoa ou àquele grupo com que se encontra.

— No relacionamento com a comunidade (sociedade), o voto da obediência apostólica nos torna capazes de fazer do outro e dos outros — entre estes o superior ocupa um lugar especial — nosso centro de referência num autêntico espírito de escuta e de discernimento a serviço do Reino, sem ceder a formas de imposição ou dominação. Fora desta obediência é difícil imaginar uma comunidade unida no amor e eficaz num mesmo objetivo.

No encontro nacional sobre o juniorato, nas diversas celebrações um refrão se cantava com sempre crescente entusiasmo:

“Irá chegar o novo dia, o novo céu, a nova terra e o novo mar, e neste dia, os oprimidos numa só voz a liberdade irão cantar.”

Se formos radicais na fidelidade à nossa consagração, nesta vivência concreta dos votos, em vista do Reino no meio dos homens, Deus será certamente mais fiel ainda e o “novo dia” chegará de verdade. Unidos nesta convicção os junioristas sonharam alto e cantaram mais alto ainda. □

Única forma de resistência cristã no sofrimento é ORAR. Apelar para Deus. Munir-se de sua força. Deus não abandona ninguém. Viver os conflitos e ter a consciência de estar revivendo e reproduzindo a paixão e a páscoa de Jesus (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

Como Jesus experimentou Deus e no-lo revelou como realmente ele é? Como Deus lhe aparece em sua vida? A experiência de Deus no cristianismo só pode ser a experiência *CRISTÃ*, ou seja, a experiência que *CRISTO* teve de Deus, seu Pai, e no-la revelou.

DEUS nasce na experiência de Jesus como LIBERTADOR. Libertador de tudo. Da *OPRESSÃO INTERIOR*, espiritual e/ou psicológica, da angústia, do maligno, do ódio, do pecado. Libertação soteriológica — santificação e salvação — para introduzir o homem na comunhão de amor com Deus. E libertação da *OPRESSÃO EXTERIOR*: política, sociológica, econômica, da doença, do luto, da morte e do sofrimento. Deus, Adonai, o Senhor, se reflete em Jesus como libertador incondicional de todos os paraísos institucionalizados ou de plantão, visíveis ou secretos.

Desta *experiência de Deus*, seu Pai, Jesus se sente também assim: libertador, santificador, salvador. Libertação, santificação e salvação plenas, ainda não; mas desde já esperança escatológica, em sinais parciais e fragmentários. Jesus sente em si mesmo Deus intervindo para pôr termo a um mundo tão sinistro. Assume atitudes só compatíveis com Deus. Se fez milagres foi para sinalizar esta realidade: Deus libertador; santificador e salvador, presente nele e agindo por ele. Ele é o único meio de libertação de tudo o que oprime: opressões históricas, estruturais, espirituais, sociais, políticas.

A primeira palavra de Jesus é uma palavra de libertação: "O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me ungiu para evangelizar os pobres... para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor" (Lc 4,18-19). Liberdade e justiça, raízes submersas da grande tradição social que Jesus veio assumir e complementar com sua mensagem de amor.

Esta é a *experiência de Deus* vivida por Jesus. Deus libertador de tudo, santificador e salvador. Libertação social sem santificação é apenas uma parte da caminhada cristã. E não é a principal. Libertar sem santificar não é cristianismo. A libertação é perfeitamente realizável sem Cristo. No Novo Testamento, ser cristão, seguidor de Cristo, é sinônimo de ser santo. *SANTIFICAR*, libertar do pecado pelo seu perdão, é o sentido do nome de JESUS (Mt 1,21), a razão de sua vinda e de sua vida (Mt 20,28) e o objetivo de sua morte (Mt 26,28).

É assim que o(a) Religioso(a) precisa experimentar Deus em seu ser e em seu agir.



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de novembro de 1991

Do ponto de vista fenomenológico, ou seja, por aquilo que aparece e é observável, a pessoa humana nasce, cresce, vive, ENVELHECE e morre. **Envelhecer** é, assim, apenas uma fase de uma realidade biológica, geneticamente programada, Um processo, fundamentalmente pessoal mas com repercussões sociais, que se caracteriza por uma série de mudanças somáticas e psíquicas. Será preciso preparar preventivamente este momento. Se o arco da vida humana consciente for seccionado em adolescência (19 anos), idade adulta jovem (20-39), meia-idade (40-59) e **VELHICE**: inicial (60-69), média (70-84) e avançada (85 em diante), é nas três primeiras seções que se semeia e se cultiva um potencial físico, intelectual, emocional e humano para os imprevistos da etapa final.

E é possível preparar-se para a velhice?

Sim. Do ponto de vista terapêutico, pode-se retardar seus sinais fatídicos. Têm valor, entre outros, estes aspectos: adequado regime de vida evitando o sedentarismo, o abuso de tóxicos (fumo e álcool), a medicação sem controle médico. Exercícios físicos conformes, alimentação equilibrada, controle periódico dos fatores de risco: pressão arterial, glicemia, colesterol... Check-up para detectar possíveis enfermidades precoces... Paliativos, não desprezíveis, porém. **Envelhecer** não pode ser algo alheio e longínquo de nós. É uma tarefa e um desafio personalizados e de cada dia. É uma realidade para uns hoje. E o será para outros amanhã. É **inevitável envelhecer** e fazer a experiência daquilo que pode assustar os mais desprevenidos: acertar as contas com a deteriorização do corpo que perde forças por doenças que afligem a carne e o espírito. No mais íntimo de nós mesmos, baila o que se foi... banhado com a claridade da luz violácea da melhor saúde. E, por fim, confrontar-se com a morte.

Da perspectiva da fé, da síntese dialética resultante da interação entre análise social e reflexão teológica sobre o envelhecer, podem surgir, em esboço embora, **diretrizes para quem deseja uma frutuosa velhice**. A curva de descida física da vida pode chegar como esperança certa de genuína ascensão espiritual. A fé amplia e ilumina a consciência das dimensões mais profundas desta fase contemplativa que a idade recomenda e faz encerrar este declínio, que prepara e antecede a morte, como um esmagamento que nos conforma radicalmente com Cristo. JESUS se entregou, incondicionalmente, ao mistério absoluto que Ele chamava 'Meu Pai'. Na sua morte, Ele se viu despojado de tudo: vida, honra, aceitação humana e religiosa, segurança perceptível da proximidade de Deus. Tudo lhe foi tirado. Em tudo, apenas, o mistério sem nome ao qual Ele se rendeu como Amor Eterno. Deus, que era e é, assumiu a nossa vida. Não satisfeito, desceu ao abismo de nossa morte. Morreu a nossa morte.

Em nosso auto-esvaziamento pelo envelhecimento acontece algo parecido. Aos poucos, vamos sendo despojados de tudo. Cabe-nos transformar esta semelhança com Cristo em autêntico seguimento. Livre e ativamente, de forma consciente, aceitar a oportunidade. Identificar-se com Jesus. Conformar-se a Ele na morte para viver a força de sua ressurreição. Transmutar o castigo em amorosa aceitação da vida que vem de Deus. Isto exige um supremo ato de fé, pois minha-morte-para-a-ressurreição não é verificável. É uma promessa. Minha, porém, a esperança inabalável de seu cumprimento cabal. **Envelhecer e morrer torna-se, então, um ato litúrgico-sacerdotal**. Recolho e ofereço a Deus, com suprema confiança, este ato de amor sem paralelo. Morro só para viver. Pela ressurreição, a morte revela a vida em plenitude pelo poder de Deus.

Eis a certeza de quem crê: na morte a realidade humana será definitivamente assumida na própria vida divina. Como? Não sei ainda. Nem tudo está claro. A fé é obscura por natureza. Por isso sempre inquieta. E o homem é uma criatura muito estranha. Caminha na fronteira do visível com o invisível. Experimenta estar aqui e sente estar alhures, também. É tempo pensando eternidade. A cada instante não é mais o que foi nem é ainda o que será.

DEUS, que é sempre **PAI**, lhe dê aquela **PAZ** que é plenitude de bens (materiais), plenitude de bênçãos (espirituais) e plenitude de bem-estar (saúde) que só Ele, Deus, sabe e pode dar e Você tanto merece. Com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente,

PE. MARCOS DE LIMA, SDB.
Redator Responsável/Conferência